

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

## A expressão *tranquillitas uestra* de um passo de Eutrópio

Ao dirigir-se, no curto prefácio do seu *Breviário* (1), a Valente, Eutrópio usa de duas expressões de tratamento que na sua época, entre outras, se podiam aplicar às pessoas imperiais: *mansuetudo tua* (« ex uoluntate mansuetudinis tuae») = *Tua Benignidade, Tua Mansuetude* (2), e *tranquillitas tua*

(!) *Breuiariwn ab urbe condita* ou *Breuiarium historiae Romanae*.

(2) Os comentadores e tradutores de Eutrópio, assim como os dicionaristas que o citam, reproduzem de maneiras muito diversas o genitivo *mansuetudinis tuae* do prefácio do *Breviário*. Há os que interpretam a expressão *mansuetudo tua* com relativa propriedade, mas há os que se afastam bastante da propriedade necessária e chegam a dar interpretações demasiado livres. Assim temos, p. ex.:

*Tua Bondade*: Quiclierat e Gaffiot (escrevem ambos «ta bonté»);

*Tua Mansidão*: Augusto Magne (escreve «tua mansidão»);

*Vossa Bondade*: Freund («Votre Bonté», seg. de «Votre Majesté»; trad fr. de Theil), Benoist-Goelzer («Votre Bonté», ao lado de «Votre Mansuétude»);

*Vossa Clemência*: J. E. Bertrand («votre clemence»), John Clarke («your elemency»), John Selby Watson («your Clemency»), eds. portuguesas da Impr. Régia e da Impr. Nacional («vossa clemencia»), Abel Carvalhão Novais (a «vossa clemencia» junta, entre parênteses, «bondade»), Michele Caroli («[della] Vostra Clemenza»);

*Vossa Gra.a*: Domenico Pastorino («Vostra Grazia»), B. A. Calvi (id.), Lorenzo D Amore (id.), Georges («Ew. Gnaden»);

*Vossa Majestade*: N. A. Dubois («Votre Majesté»), P.<sup>e</sup> Paul (id.), Freund («Votre Majesté», ao lado de «Votre Bonté»; trad. fr. de Theil), G. Popa-Lisseanu («[a] Maies-t">tii Voastre»);

*Vossa Graciosa Majestade* : trad, da ed. de 1783 de J. Barbou («Votre gracieuse Majeslé»; a ed. de 1602, sem trad., apenas diz que palavras como *mansuetudo* e *tranquillitas* «tendent toutes à exprimer ce que nous entendons par le mot unique de *Majesté*»);

*Vossa Mansidão*: Juan Martín Cordero («vuestra mansedumbre»; v. a nota 3), Th. Baudement («votre mansuétude»), M. Rat («Votre Mansuétude»), Benoist-Goelzer («Votre Mansuétude», seg. de «Votre Bonté»);

*Vossa Mercê*: Kpifânio Dias (escreve «vossa mercê»: trad, decerto sugerida pelo emprego de *Vossa Mercê* como antigo tratamento de reis portugueses; v. a nota 69).

Só se aproximam, evidentemente, da interpretação preferível os que entendem *mansuetudo tua* por *Tua* ou *Vossa Bondade, Tua* ou *Vossa Man-*

(«ut tranquillitatis tuae possit mens diuina laetari »)= 7<sup>ua</sup> *Tranquilidade, Tua Serenidade* (3). Ambas estas expres-

*sidão, Vossa Clementia*. Não logram, todavia, alcançá-la, salvo melhor juízo. *Tua* e *Vossa Bondade* não satisfazem plenamente, porque o substantivo empregado só em parte traduz o latino; *mansuetudo* é bondade, sim, mas é também brandura. *Tua* e *Vossa Mansidão* estão no caso oposto, porque *mansidão* dá a ideia de brandura, mas não dá propriamente a de bondade. Por sua vez, *Vossa Clemência* contém um substantivo que reproduz integralmente o lat. *clementia*, mas que não corresponde bem a *mansuetudo*, embora este e aquele andem às vezes associados (cf. Cícero, *Verrinas*, 11, 5, 44, e v. outros exemplos em dicionários). A clemência, para os Romanos, era uma das primeiras virtudes dos imperadores, e alguns até a julgaram a primeira («imperatorum dos prima», como disse Flávio Vopisco, *Aureliano*, xlíii); contudo, implicando bondade e brandura, era mais alguma coisa, porque era também indulgência; e tanto assim que Calepino, s. u. *clementia*, depois de invocar Lamprídio, observava: «Hinc inter caeteros Imperatorum titulos hic quoque fuit, ut clementissimi seu indulgentissimi dicerentur. In appellando etiam id vetus atque solemne erat: Clementia tua, seu Indulgentia tua.» Por outro lado ainda, *Vossa Bondade, Vossa Clementia* e *Vossa Mansidão* contém uma forma pronominal que não parece a melhor. Embora se possa tolerar que o pronome *tuus*, quando em expressões de tratamento, seja traduzido pelo possessivo da 2.<sup>a</sup> pessoa do plural, por serem possessivos do plural que normalmente se encontram em locuções românicas de cortesia, mais exacto e conveniente será vertê-lo pelo possessivo da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, para que as expressões como *mansuetudo tua* sejam bem diferenciadas das do tipo de *mansuetudo uestra* (em referência a uma só pessoa). Consequentemente, a versão preferível de *mansuetudo tua* será aquela que atenda a esta particularidade, além de dar o rigoroso sentido do substantivo latino. E, como *mansuetudo* não designa apenas a bondade nem apenas a brandura, mas um misto de brandura e bondade, ou seja, parece-me, a benignidade, aquela mesma virtude que Eutrópio exaltava em Marco Antonino («Cum igitur fortunatam rem publicam et uirtute et mansuetudine reddidisset. vm, 14) e que o nosso Camões fazia atributo da pessoa régia («Os olhos da real benignidade /Ponde no chão. . .», i, g), prefiro a quaisquer outras versões *Tua Benignidade* ou, com substantivo decalcado no latino, *Tua Mansuetude*.

O leitor achará adiante, na menção de traduções da expressão eutropiana *tranquillitas uestra*, indicação mais precisa de vários comentadores e tradutores aos quais só faço nesta nota sumária referência.

(3) Da mesma forma que o emprego da expressão *mansuetudo tua*, o emprego da expressão *tranquillitas tua* é entendido de modos diversos pelos comentadores e tradutores de Eutrópio, e igualmente pelos dicionaristas que o citam. Eis alguns exemplos desta diversidade (com indica-

sões, como as demais similares, são constituídas por um substantivo abstracto, que especificamente designa um atributo ou virtude imperial, e por uma forma pronominal pos-

ção apenas sumária de nomes de autores, tal como em a nota anterior: q. u. in fine):

*Tua Clemência*: Quicherat («ta Clémence», ao lado de «ta Sérénité»);

*Tua Serenidade*: Quicherat (v. a versão anterior), Gaffiot («ta Sérénité»), Augusto Magne («tua serenidade»);

*Vossa Altera Serenissima*: Freund («Votre Altesse sérénissime», ao lado de «Votre Sérénité»; trad. fr. de Theil), Epifânio Dias («vossa alteza serenissima», ao lado de «vossa serenidade»);

*Vossa Majestade*: trad da ed. de 1753 de J. Barbou («votre Majesté»), N. A. Dubois («Votre Majesté», trad, igual à de *mansuetudo tua*);

*Vossa Serenidade*: Freund («Votre Sérénité», seg. de «Votre Altesse sérénissime»; trad. fr. de Theil), Benoist-Goelzer («Votre Sérénité»), Th. Baudement («votre sérénité»), M. Rat («Votre Sérénité»), John Selby Watson («your Serenity»), Forceilini («vostra serenità»), Domenico Pastorino («Vostra Serenità»), Michele Caroli («[della] Serenità Vostra»), Epifânio Dias («vossa serenidade», seg. de «vossa alteza serenissima»), G. Popa-Lisseanu («[a] Serenitatii Voastre»);

*Vossa Tranquilidade*: John Clarke («your tranquillity»), B. A. Calvi («Vostra Tranquillità»).

Destas versões há duas que merecem franca rejeição, por se afastarem do sentido do lat. *tranquillitas*: *Tua Clemência* e *Vossa Majestade*; há uma que tem o inconveniente de ser difusa, além de anacrónica: *Vossa Alteia Serenissima* (título de criação românica); há duas outras que se toleram, pois ao menos reproduzem bem aquele substantivo: *Vossa Tranquilidade* e *Vossa Serenidade*; uma há, todavia, que merece plena aceitação. *Tua Serenidade*, pois dá perfeita reprodução quer do substantivo quer da forma pronominal da expressão originária (v. em a nota anterior o que digo sobre *Tua Benignidade* e *Tua Mansuetude*). Efectivamente, ou se dirá *Tua Serenidade* ou, mais ao pé da letra, *Tua Tranquilidade*, porque o lat. *tua* fica assim com reprodução exacta e porque *tranquillitas*, tal qual o equivalente *serenitas*, nada mais é, em expressões de tratamento, do que um designativo da serenidade de ânimo que por natureza deve caracterizar as pessoas imperiais Sem se discutir, a este respeito, se *tranquillitas* se prende ou não etimologicamente à ideia de «transparência» (opinião formulada pelo velho Diet, *étymol. lat.* de Bréal-Bailly, s. u. *tranquillus*) e sem ter de se tomar em conta a estrutura etimológica do adjectivo básico (segundo alguns, representante de «*trans. . .-I- einem zu quies gehöri gen #quil-nos*», isto é, literalmente, «ganz ruhig», cf. Walde, *Lat etymol. Wtb.*; segundo Ernout-Meillet, menos concretamente, «composé expressif qui évoque *quiès*»), o que importa é que a palavra se fixa em latim com o sentido de «calma», «tranquilidade», «serenidade», que com este sentido se pode aplicar a estados morais e que, precisamente no aspecto moral, se torna base de tratamentos cortesies, exprimindo uma das qualidades mais requeridas nos chefes do Império. É a qualidade, afinal, que, tendo

sessiva. Mas, ao passo que esta forma é aqui o feminino de *tuus*, de harmonia com o processo tradicional de tratamento pelo pronome *tu*, já assim não acontece em 1, 12, onde esse feminino cede o lugar ao de *uester* e se lê *tranquillitas uestra*. E no período em que o autor, depois de se referir à criação de nova dignidade governativa, chamada *dictatura*, e à nomeação de um *magister equitum*, subordinado ao *dictator*, frisa a semelhança da ditadura com o poder imperial: «Neque quicquam similis potest dici quam dictatura antiqua huic imperii potestati, quam nunc tranquillitas uestra habet, maxime cum Augustus quoque Octavianus, de quo postea dicemus, et ante eum C. Caesar sub dictaturae nomine atque honore regnauerint.» (4)

*Tranquillitas uestra* — diz Eutropio, indicando com esta expressão o sujeito possuidor ou detentor do imperial poder.

expressão formular em locuções de tratamento, recebe também expressão extraformular na literatura latina pós-clássica. Louvando Constâncio, antecessor de Juliano, Eutrópio aponta justamente a sua «tranquillitas»: «meruitque inter diuos referri, uir egregiae tranquillitatis, placidus, nimium amicis et familiaribus credens», x, 15. E Ambrosio, bispo de Milão e futuro santo, há-de apontar essa virtude entre as que exornam Teodósio, seu imperador: «Noui te pium, clementem, mitem, atque tranquillum» (carta a Teodósio; Migne, 2\ 1130 A), como se dissesse «Noui tuam pietatem. clementiam, lenitatem, atque tranquillitatem».

Quero ainda notar que me dispensei de incluir na lista apresentada acima certas versões demasiado defeituosas. É o caso da versão do P.<sup>e</sup> Paul, que faz corresponder a *tranquillitatis tuae* um simples *votre*: «afin que votre divin génie puisse se réjouir», trad, da proposição final «ut tranquillitatis tuae possit mens diuina laetari». É o caso também da versão de um espanhol do século xvi, Juan Martín Cordero, a quem já me referi acima, n. 2. Entendendo mal aquela proposição, traduziu-a por «para que vuestro alto entendimiento se pueda gozar con su tranquilidad» (*La Historia de Eutropio*, Antuérpia, 1561). Por sinal que este tradutor denuncia em muitos lugares imperfeito conhecimento do latim e, logo de entrada, cai no grotesco, ao juntar à versão do prefácio, inteiramente à margem do texto, esta assinatura — *Eutropio Criado de vuestra Alteia*.

(4) Além de diferenças de pontuação, certas edições apresentam duas variantes neste passo ou, pelo menos, uma delas: *quidquam* por *quicquam* e *Octavius* por *Octavianus*. Sigo, porém, num e noutro caso, como no resto do passo, a ed. teubneriana de igig (F. Ruehl), a mais recente e uma das mais autorizadas das edições críticas de Eutrópio; somente substituo V por *u*<sub>3</sub> como hoje se pratica em usos científicos.

E quem ainda tem presente, volvidos apenas alguns capítulos sobre o início do *Breviário*, ser esta obra endereçada ao imperador Valente e por seu desejo redigida (5), naturalmente e sem esforço refere tal expressão ao próprio imperador, entendendo-a, dada a possível substituição de *tua* por *uestra*, como se fosse *tranquillitas tua*: «E pode dizer-se que nada se parece mais com o poder imperial, que Vossa Serenidade agora detem, do que a antiga ditadura, mormente quando o próprio Augusto Octaviano, de quem adiante falaremos, e Gaio César, antes dele, governaram com título e honras ditatoriais.» Sucede, no entanto, que nem sempre foi esta a interpretação seguida. Há outras interpretações. E, como todas suscitam curiosidade, qualquer que seja a sua consistência, vale a pena analisá-las e discuti-las, com vista a determinar, de modo preciso, qual a verdadeira.

Note-se desde já, embora de passagem, não haver que tomar em consideração, ao estudar este caso, o possível valor da lição *tranquillitas nostra*, que Erasmo adoptava na edição frobeniana de 1518(6), que Sigismundo Gelénio repetia na edição frobeniana de 1532 (7) e que, anos depois, Henrique Glareano ainda

(5) Recordem-se as palavras «ex uoluntatis mansuetudinis tuae».

(6) Incorporada numa colectânea que abre com as palavras «Ex recognitione Des. Erasmi Roterodami» e consta de dois tomos: o primeiro, com Suetonio, Díon Cássio, Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Élio Lampridio, Vulcacio Galicano, Trebélio Polião, Flávio Vopisco e Aurélio Vítor; o segundo (no fim do qual vem a indicação do lugar e data de impressão: «Basileae apud Ioannem Frobenium. Mense Iunio, Anno MDXVIII.»), com Eutrópio (prejudicado por várias interpolações), Paulo Diácono, Amiano Marcelino, Pompónio Leto e João Baptista Egnácio. Na p. 463 (2.º tomo) desta colectânea, de que consultei o exemplar existente na Biblioteca do Palacio Nacional de Mafra, suponho que único em bibliotecas públicas portuguesas, vem assim o referido passo de 1, 12 (desdobro, por carencia de sinais tipográficos, algumas abreviaturas): «neque quicquam similis potest dici, quam dictatura antiqua huic imperij potestati, quã nunc tranquillitas nostra habet, maxime cu Augustus quoque Octavianus, de quo postea dicemus, & ante eu Caius Caesar, dictaturae nomine, atque honore regnauerint.»

(7) *Eutropii insigne uolumen quo Romana historia uniuersa describitur, ex diuersorum authoru monumentis collecta.* [·\*] Basileae in officina Frobeniana anno MDXXXII. Na p. 7 desta edição, onde o texto eutropiano

admitia, embora dubitativamente, numa das suas notas a Eutrópio (8). Essa lição, resultante, como tantas inexactas, da funda perturbação que a Idade Média produziu no texto eutropiano e em grande parte se deveu a Paulo Diácono (9), nenhum valor real possui, não só porque não concorda com os melhores códices do *Breviário* (to), mas porque desconvém manifestamente ao sentido. Se a adoptássemos, o possuidor ou detentor do imperial poder deixaria de ser, neste caso, um imperador, para ser «a nossa tranquilidade», isto é, a tranquilidade dos habitantes do Império Romano/ A única lição que na realidade vale é *tranquillitas uestra*, aquela que adoptam, do Renascimento em diante, os melhores editores — Elias Vineto, Frederico Silbúrgio, Cristóvão Celário, Sigeberto Havercampo, Henrique Verheyk — e que tem a consagração de várias importantes edições críticas ou comentadas do século passado e do nosso, como as alemãs de C. H. Weise, C. G. Baumgarten-Crusius, H. R. Dietsch, G. Hartei, H. Droysen e F. Ruehl (11).

também está prejudicado por interpolações diversas, lê-se o mesmo passo com variantes de forma, grafia e pontuação, mas com igual inserção de *tranquillitas nostra* (servi-me do exemplar existente na Biblioteca da Academia): «Nec quicquam similius potest dici quàm dictatura anriqua huic imperiali potestati, quam nunc tranquillitas nostra habet, maxime cum Augustus quoque Octavianus, de quo postea dicemus, & C. Caesar sub dictaturae nomine & honore imperauerint.»

(8) «Forte *nostra* legendum, vel *vestra*, hoc est, Valentiniani & Valentis Imperatorum.» (Da ed. de Friburgo de Brisgóia, 1554■)

(9) Também, em parte, a Landolfo Sagaz, que integrou Eutrópio na compilação intitulada *Historia miscella* (de cerca do ano 1000).

(10) Entre eles o *codex Fuldensis*, que tanto aproveitou ao alemão Hartei. V. uma lista de códices eutropianos em N. I. Herescu, *Bibliographie de la littérature latine*, pp. 350-351.

(11) São raras todas estas edições em bibliotecas portuguesas e é hoje difícilimo, se não impossível, obtê-las da Alemanha. Contudo, foi-me possível consultar: a de C. H. Weise datada de 1866 (Novae editionis stereotypae C. Tauchnitianae nova impressio. Lipsiae sumptibus Ottonis Holtze.); a de Dietsch, de 1862 (Lipsiae sumptibus et typis B. G. Teubneri), que reproduz a de Baumgarten-Crusius ; a de Hartei, de 1872 (Berolini apud Weidmannos) ; a de Droysen, de 1879, inserta nos *Monumenta Germaniae historica*; e duas de Ruehl, a de 1887 (Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri) e a de 1919 (ibid.).





De todas as interpretações de *tranquillitas uestra* a mais corrente é a que, logo de início, se afigura mais natural: tal expressão eutropiana referir-se-á apenas ao imperador Valente. Entre os que são deste parecer, de modo explícito ou implícito, figuram não só comentadores e tradutores em número avultado, mas também, importa dizê-lo, os mais autorizados dicionaristas. Há a notar, como particularidade, que nem todos reproduzem *tranquillitas uestra* da mesma forma, pois uns, a maior parte, dizem *Vossa Serenidade*, assim mesmo ou com pequenas variantes, mas outros, mais literalmente, dizem *Vossa Tranquilidade* e outros até, impropriamente, dizem *Vossa Majestade*, o que tudo se pode documentar com os esquemas seguintes :

*V o s s a   S e r e n i d a d e*

e v a r i a n t e s :

p. ex.:

*votre sérénité*, Th. Baudement, ((Collection des auteurs latins», dirigida por Nisard (*Suétone — Les écrivains de VHistoire Auguste — Eutrope — Sextus Rufus*: Paris, Firmin Didot, 1865); *Votre Sérénité*, M. Rat, coleção «Classiques Garnier» (*Eutrope*: Paris, 1934)(12)5 *Votre Sérénité*, E. Benoist-H. Goelzer, *Nouveau Dictionnaire latin-français*, s. u. *tranquillitas* (13); *your Serenity*, John Selby Watson, coleção «Bohn's Libraries» (*Justin, Cornelius Nepos and Eutropius*: Londres, 1910); *vostra sere-*

(12) Por lapso, o Sr. M. Rat escreveu *Tranquillitas Tua* (p. 16).

(13) Este dicionário junta na mesma referência, sem os distinguir um do outro, ■o emprego de *tranquillitas* em 1, 12, e o do prefácio do *Breviário*: «*Eutr.* (praef. 1, 12). *Votre Sérénité*, titre honorifique des derniers empereurs.» O mesmo fazem outros dicionários, porém, às vezes, com o inconveniente de subordinarem esses dois exemplos a uma indicação em

*nità*, Forcellini, *Totius Latinitatis lexicon*, s. u. *tranquillitas* (14); *Vostra Serenità*, Domenico Pastorino (Milão, Mondadori, 1926); [*dalla*] *Serenità Vostra*, Michele Caroli (Nápoles, Rondinella e Loffredo, 1929); *la Vostra Serenità*, Lorenzo D'Amore (Lanciano, G. Carabba, 1931) (15); *serenitatea voastră*, G. Popa-Lisseanu, *Iloárele Istoriei Romanilor*, fase, x (Bucarest, 1936) (16);

### *V o s s a T r a n q u i l i d a d e :*

p. ex.:

mssa *tranquillidade*, Augusto Magne, «Collecção de Autores Latinos Vertidos em Português» (I — *Eutro-*

que só figura a forma pronominal *tua*, o que induz em engano o leitor. Assim Freund (trad. fr. de Theil), s. u.: «*Tranquillitas tua*, *titre honorifique des derniers empereurs*, *Votre Sérénité*, *Votre Altesse sérénissime*, *Eutrop*, *praef. et 1, 12* »; assim também Gaiñiot, s. u.: «*titre donné aux derniers empereurs: Tranquillitas tua* *Eutr. praef. 1, 12*, *ta Sérénité.*» Suponho que tais inexactidões, prova de que nem sempre a lexicografia latina tem primado na verificação das abonações que se repetem de dicionário para dicionário, procedem todas, directa ou indirectamente, do artigo *tranquillitas* do *Lexicon* de Forcellini (v. a nota seguinte).

O *Ausführliches lateinisch-deutsches Handwörterbuch* de Georges (8.<sup>a</sup> ed.) também inclui numa só referência os dois exemplos citados, mas subordina-os, sem os reproduzir formalmente, à indicação genérica do emprego de *tranquillitas* em tratamentos: «in den späteren Zeiten ein Titel der Kaiser (wie mansuetudo, clementia, etc) .. »

(14) Forcellini diz primeiro: «*Tranquillitas tua*, sequiori aevo est compellatio magnorum Principum, *vostra serenità.*» Depois, envolvendo impròpriamente numa só referência dois exemplos díspares (v. a nota anterior), acrescenta: «Habetur & apud *Latrop*, in *praefat. &/.* ic. 12.» Mas é óbvio, por isto mesmo, que para ele *tranquillitas uestra* se refere a uma pessoa apenas.

(15) Em nota, p. 25, o comentador, além de interpretar *tranquillitas uestra* por «la Vostra Serenità», diz expressamente: «parole dirette airimperatore Valente, vincitore dei Goti, al quale è dedicato il presente *Breviarium.*»

(16) Devo ao Prof. Victor Buescu o conhecimento da existência destas *Fontes da História dos Romanos* (num só tomo o fase. ix, com a *Vita divi*

pio: Rio de Janeiro, 1929)(17)5 *Vostra Tranquillità*, B. A. Calvi (Turim, Società Editrice Internazionale, 1926) (18);

### *V o s s a M a j e s t a d e :*

p. ex.:

*Votre Majesté*, ed. de J. Barbou (Paris, 1783) (19); *voire Majesté*, P.<sup>e</sup> Paul (Lião, Tournachon-Molin, 1809); *Votre Majesté*, N. A. Dubois (Paris, C. L. F. Panckoucke, 1843); *your Majesty*, John Clarke (Londres, 10.<sup>a</sup> ed., 1769).

Diversamente, porém, entendem vários comentadores que *tranquillitas uestra* se não refere só ao imperador Valente, que reinava *in aula orientali* e a quem o *Breviário* é dirigido,

*Aureliani* de Vopisco, e o x, com o *Breviário* de Eutrópio) e ao Prof. N. I. Herescu o ter podido consultá-las. A ambos agradeço.

Lamento que as dificuldades actuais de comunicação com a Roménia me tenham impedido de consultar outras traduções de Eutrópio feitas nesse país, que as há realmente, e até com antiguidade. A uma delas se refere o artigo de E. Condurachi, «Cea mai veche traducere româneasca a lui Eutropiu», in *Insetmnări Jesene1*, - x 1 9 3 8 -, pp. 62-68, artigo de que fez recensão V. Buescu na *Revista Clasica*, ix-x (1937-1988), pp. 311-312.

(17) O passo que me interessa é assim vertido por Augusto Magne: «Nenhuma dignidade se póde dizer mais parecida que a dictadura antiga ao poder imperial, de que se acha revestida vossa tranauillidade... » O tradutor preferiu à concordância de um participio por silepse (*revestido*) a concordância directa desse participio com *vossa tranquillidade* (*revestida*), mas é evidente que não referiu esta expressão a mais de uma pessoa.

(18) Um tradutor italiano do século xvi, !Michele Tramezzino (Venezia, 1544), serviu-se também de *tranquillità* para verter *tranquillitas*, porém reproduzindo o conjunto *tranquillitas uestra* de forma inútilmente difusa: «Ne cosa alcuna si pifo dire essere piu simile à la presente autorità de l'Imperadore, che questa antiqua Dittatura, che hora è ottenuta dalla tranquillità del Signor nostro.»

(19) Noutra ed. de Paris, de 1602, com texto comentado, mas sem tradução, não se dá versão francesa de *tranquillitas uestra*. É óbvio, porém, que o comentador só refere esta expressão a Valente, pois remete

mas também a seu irmão, o imperador Valentiniano τ, que reinava no Ocidente. Pensa deste modo, além de Henrique Gla-reano, que todavia não é categórico, pois hesita, como já se viu, entre as lições *tranquillitas nostra* e *tranquillitas uestra* (20), o comentador alemão seiscentista Cristóvão Celário. Ao anotar no seu *Eutropii Breviarium* (21) a expressão que nos interessa, explica *uestra* por «Valentis & Valentiniani Augustorum». Mas é o mesmo, ainda, o parecer de outros comentadores, como J. E. Bertrand (Neuchâtel, 1762) (22) e, já mais perto de nós, o português Abel Carvalhão Novais (Porto, Livraria Portuense, 1886)(23). A ter valor esta interpretação, que o italiano M. Cocco ainda há pouco recordava na edição da «Società Editrice Dante Alighieri» (Milão-Roma-Nápoles, 1933) (24), teríamos, evidentemente, de traduzir a expressão eutropiana por *Vossas Serenidades*.

Outra interpretação, mais lata que a anterior, dá *tranquillitas uestra* como referente não unicamente a dois, mas sim a três imperadores, isto é, a Valente, a Valentiniano e a Graciano, filho do segundo. Desta opinião (que, se fosse exacta, pediria também, claro está, o equivalente português *Vossas Serenidades*) é responsável o francês Elias Vineto, cujo *Eutro-*

o leitor para a nota «qui est au bas de l'Épître d'Eutrope» (nota a *mansuetudinis tuae* do prefácio eutropiano, extensiva a *tranquillitatis tuae* do mesmo). De contrário, teria feito qualquer observação.

(20) V. a nota 8.

(21) A ed. príncipe é de Giza, 1678. Consultei a 4.<sup>a</sup>, de Iena, 1726, existente na Biblioteca Nacional.

(22) «Eutrope s'adresse ici aux deux empereurs *Valens & Valentinien*.»

(23) «diz *vestra* e não *tua*, porque allude aos imperadores Valente e Valentiniano [sic].» Noutros pontos, que não propriamente neste, a ed. de Carvalhão Novais deve muito, deve até demasiado a Epifânio Dias, facto que este com razão exprobrou numa «Advertencia» da 6.<sup>a</sup> ed. do seu *Eutropius*, in fine.

(24) «secondo alcuni, l'uso del plurale «*vestra*» in luogo di «*tua*» indicherebbe che Eutropio in questo passo non si dirige solamente a Valente, ma anche al di lui fratello Valentiniano 1°, dal quale Valente stesso era stato nominato «augusto» ed associato al governo dell'impero.» (Transcrição do Dr. Raffaele Spinelli, professor em Roma. Agradeço-lhe este serviço, assim como o amável envio de informações sobre edições italianas de Eutrópio.)

*p̄ii Breuiarium*(25) reza assim: ((*tranquillitas uestra. Imperio Romano tres simul hi praefuerunt, Valentinianus & Valens fratres, & filius Valentiniani Gratianus.*) Quem sabe até se éstas mesmas palavras, dado o prestígio de tal humanista e de tal edição, não influíram em alguns dos comentadores para quem *tranquillitas uestra* diz respeito a Valente e Valentiniano (26)! Mas, seja como for, o que importa é que a opinião de Vineto não ficou sem sequazes. Frederico Silbúrgio, fazendo-lhe embora uma reserva a que adiante aludirei, repete-a no tomo 1 dos seus *Historiae Romanae scriptores Latini minores* (Francoforte, 1558) e até a aplica a um emprego de *perennitas uestra* por autor contemporâneo de Eutrópio : «*plurali numero [h. e., uestra pro tua] propter ea vsurpatum videtur Vineto, quia tres simul eo tempore praefuerunt Romano imperio, Valentinianus & Valens fratres, & Valentiniani filius Gratianus. quo modo intellegi potest etiam quod Rufus supra dicit 648, 26, in ortum perennitatis vestrae.*» E é a mesma ideia de referência a três imperadores que vai reaparecer numa série de edições portuguesas baseadas na do holandês Henrique Verheyk (Leida, 1762)(27), quais foram a da Tipografia de Simão Tadeu Ferreira (Lisboa, 1790) e, do princípio do século passado em diante, várias da Imprensa Régia e da sucessora desta, a Imprensa Nacional (28). Como a edição de

(25) Segundo a *Bibliotheca Latina* de Fabricio, a ed. príncipe é de Poitiers, 1553 (indicação repetida por José Vicente Gomes de Moura, *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, p. 162). A ed. que consultei (Biblioteca Nacional) é também de Poitiers e tem a data de 1554.

(26) Pelo menos Cristóvão Celário, que no seu *Eutropii Breviarium* (v. a nota 21) teve presente, além de outras, a ed. de Vineto.

(27) *Eutropii Breviarium Historiae Romanae, cum Metaphrasi Graeca Paeanii, et Notis Integris El. Vineti, Henr. Glareani, Tan. et An. Fabri, Chr. Cellarii, Th. Hearnii, Ch. Aug. Heumanni, et Sig. Haver campi. Item Selectis Frid. Sylburgii. Accedit Rufus Festus, cum Notis Integris Frid. Sylburgii, Chr. Cellarii, et Sig. Haver campi. Recensuit, suasque Adnotationes cum Indicibus copiosissimis addidit Henricus Verheyk. Lugduni Batavorum, apud Samuelem et Joannem Luchtman, Academiae Typographos. MDCLXII.*

(28) Datas das que pude encontrar na Biblioteca Nacional: 1803, 1815, 1824, 1851, 1863, 187g.

Verheyk, de tão larga difusão europeia (29), apresentava em nota, sem que todavia o editor tomasse partido por ela (30), a opinião de Vineto (31), essas sucessivas edições, que tanto contribuíram, diga-se de passagem, para a divulgação do ensino de Eutrópio entre nós (32), repetiram-na em breve anotação,

(29) Testemunho desta difusão é, entre outras eds. de Eutrópio, a «Delphin edition» dada a lume por Valpy em Londres, em 1823, e onde se encontram, com base em Verheyk, «notae variorum». (Informação, que muito agradeço, do Sr. Prof. J. J. R. Bridge, da Associação Clássica de Inglaterra.)

(30) Até lhe junta opiniões de outros (Glareano, Silbúrgio), sem indicação de preferência.

(31) Verhevck, transcrevendo esta opinião, acrescenta-lhe as palavras Vínét. & Cell.; mas Celário, como já se viu acima, não diz o mesmo que Vineto, pois explica *tranquillitas uestra* como «Valentis & Valentiniani Augustorum».

(32) O ensino de Eutrópio ganha especial incremento em Portugal no século XVIII, como se reconhece ainda hoje pela existência de várias eds. setecentistas do *Breviário*, designadamente a de Verheyk, em muitas das nossas bibliotecas oficiais e livrarias particulares. Eutrópio torna-se então um dos autores preferidos nos preparatórios de Latim, decerto por critério igual ou semelhante ao que António Pereira de Figueiredo defendia numa das suas obras inéditas e Luis Silveira assim compendiou em *Manuscritos de Filologia Latina da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*, p. 106: «logo que os estudantes souberem os primeiros rudimentos comecem a traduzir, fixar significados, e logo retroversões de frases simples, de Cícero sobretudo, devem ser iniciadas. Os AA. a seguir lidos devem ser Cornélio Nepos e Eutrópio, e depois se dará a Retórica e estudar-se-á Terêncio. Eutrópio e Cornélio são escolhidos em primeira mão pela riqueza de vocábulos e temas de geografia e história, além da simplicidade da linguagem.» (Res. de um passo do ms. de Figueiredo *Reflexões sobre como / se deve ensinar a Gram- / mática Latina*.) Mas a boa fortuna do texto eutropiano não finda nas nossas escolas com o século XVIII, pois vão suceder-se, por todo o século imediato, os livros escolares onde ele figura. Não são apenas, em seguimento da citada ed. ferreiriana (1790), as várias eds. da Imprensa Régia e Imprensa Nacional, as edições do *Eutropius* de Epitânio Dias, etc.; são também colectâneas diversas de que o *breviário*, no todo ou em trechos escolhidos, é parte integrante (já no século XVIII se tinha publicado um volume, depois reeditado, dos *Selecta Latini sermonis exemplaria*, com Sulpício, Eutrópio, Sexto Aurélio Vitor, Cornélio Nepos, Justino, Lúcio Júlio Floro), nomeadamente as duas seguintes: *Selecta e veteribus scriptoribus loca*, de José Vicente Gomes de Moura (com várias edições); *Selecta de Eutropio, Phedro e Cicero*, de Alexandre da F'onseca e Vascon-

na altura devida, dizendo que «Eutropio n'este logar dirige o discurso aos dois irmãos Augustos Valente e Valentiniano, e a Graciano, filho de Valentiniano» (33).

Mas há outra interpretação ainda mais lata que as duas anteriores, porquanto pretende que, com a expressão *tranquillitas uestra*, Eutrópio não visou apenas o imperador Valente, mas os demais imperadores de Roma, quer dizer, além de Valentiniano, todos os que o haviam precedido no exercício do múnus imperial. Pertence esta interpretação, suponho que em exclusivo, ao insigne professor português Augusto Epifânio da Silva Dias, que a formulou no seu excelente e utilíssimo *Eutropius — Para Uso das Escolas*(34). «Eutropio — escreve Epifânio Dias — emprega *vestra* e não *lua*, porque se refere não só ao imperador Valente, senão também aos outros imperado-

celos (Porto, 1871). E a tudo isto se juntam obras-auxiliares diversas, nem sempre de louvável intenção, como sejam livros com significados de Eutrópio, versões literais (p. ex., a de João Félix Pereira: *Resumo da Historia Promana Traduzido do Original Latino para Português*, Lisboa, 18 . .) e até uma versão ao mesmo tempo literal e interlinear, a que figura nos *Logares Selectos de Escriptores Latinos, . . para Uso das hscholas*, por M. Simões Dias Cardoso (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857).

Desta consagração escolar do texto de Eutrópio, oficialmente confirmada pelas reformas liceais de 1880 e 1886, ficou expressivo documento literário no cap. 11 d'*As Pupilas do Senhor Reitor* (de 1867 a 1.<sup>a</sup> ed.), em conhecido diálogo de José das Dornas com o P.<sup>e</sup> António.

(33) Transcrevo estas palavras da ed. de 1879, p. 17, nota à expressão *tranquillitas vestra*.

(34) Com seis eds. (texto baseado na ed. de Hartei), a última das quais é de 1889 (Porto, Magalhães & Moniz). A 4.<sup>a</sup>, de 1884 (ibid), foi objecto, juntamente com a 1.<sup>a</sup> de *Phaedrus* (Lisboa, A. Ferreira Machado & C.<sup>ft</sup>, 1883), de elogiosa apreciação de Francesco D'Ovidio, publicada em *La Cultura*, vol. v (anno 111, 1889), pp. 492-493; v. Leite de Vasconcelos, *Epiphanio Dias— Sua Vida e Labor Scientifico*, pp. 57 e 59-Ö1 (nestas o texto integral daquela apreciação<sup>^</sup>.

Lembrarei de passagem que Epifânio Dias inseriu em pequena e rara colectânea de autores latinos, que possuo, os livros I, III, V e VI do *Breviário* eutropiano, porém sem anotações. É uma colectânea de Fedro, Eutrópio e Cícero, em cujo rosto se lê: «Auctores que segundo o programma official devem ser traduzidos nas aulas de grammatica latina dos lyceus nacionaes — Publicação feita por Augusto Epiphanio da Silva Dias —

res romanos» (35). E tem o cuidado de não esquecer a tradução pedida por esta interpretação, o plural *Vossas Serenidades*, pois acrescenta explicitamente que «ao emprego de *vestra* corresponde em port, o emprego do plural do substantivo por que se traduz *tranquillitas*».

Eis-me assim diante de quatro interpretações diferentes da mesma locução eutropiana. Cabe-me discuti-las uma por uma e decidir-me pela mais consistente, o que farei deixando propositadamente para o fim a primeira que citei.

Antes, porém, ainda quero dizer que não nos dá qualquer subsídio para a solução deste problema a tradução grega de Peânio (36). Esta tradução, que não prima, como demonstrou L. Baffetti (37), pelo rigoroso conhecimento do latim, é por vezes tão difusa que, no dizer de Cristóvão Celário, mais parece uma paráfrase que uma versão (38). Mas outras vezes, salvo opinião melhor, apresenta-se tão concisa que menos parece uma versão que um epítome. Concisa, infelizmente, é ela no lugar que me interessa, visto dizer apenas (A, iB<sup>7</sup>) — *ουδεμία των επί τής 'Ρώμης αρχών, ώς ή δικτατούρα, τη νον βασιλεία προσεώκει* (3g), ou seja que «nenhum dos poderes de Roma se assemelhava,

Porto, Imprensa Portuguesa, 1870.0 (Não figura no «Indiculus cronologico dos escritos do s Epiphanio», apresentado por Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, pp. 66-69.)

(35) Transcrição da ed. de 1889, p. 20. J. J. Nunes, *Digressões Lexicologicas*, p. 66. ao ocupar-se de «Tratamento», alude a esta interpretação de Epifânio Dias.

(36) Tradução pouco posterior, segundo parece, ao original. G. Popa-Lisseanu, *op. cit.* (nota 16), p. 13, dá-a como aparecida no ano 380 e diz ser ela uma prova de que os habitantes da Ásia, súbditos de Roma, não conheciam a língua latina. Asiático e discípulo de asiáticos (recebera em Antioquia as lições dos filósofos Libânio e Arcádio), Peânio ter-se-ia sentido obrigado a traduzir para os seus compatriotas o resumo da história romana composto por Eutrópio.

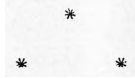
(37) «Di Peanio traduttore di Eutropio», in *Byzantinisch-neugriechisch Jahrbücher*, ni (1922), pp. 15-16.

(38) «saepe tam larga & copiosa est Metaphrasis, ut Παρφράσεως etiam nomen fere tueri possit.» (Nota de Celário na ed. de Peânio, que faz corpo com a ed. de Eutrópio.)

(39) Reproduzo, menos na grafia Βασιλεία, com maiúscula inicial supérflua, o texto dado por Verheyk (v. a nota 27).



como a ditadura, ao actual poder imperial» (40). Quer dizer que fica sem reprodução a expressão *tranquillitas uestra*, uma vez que Eutrópio escreve «huic imperii potestati, quam nunc tranquillitas uestra habet» e Peânio se contenta em dizer *τη νὺν βασιλεία*. E não há compensação para semelhante falta, porque, além da versão de Peânio, esta mesma não completa, bem pouco é o que resta de traduções gregas de Eutrópio e esse pouco não abrange o passo em discussão. Na verdade, só escassos fragmentos se conhecem da versão de Cápiton(41); e, se é certo que se chega a admitir a existência de terceira versão helénica, o seu hipotético conhecimento não vai além de pequeno trecho (42). Em suma, não posso valer-me de Peânio nem de qualquer outro tradutor grego, e tenho por isso de discurrir por outros meios as interpretações referidas.



Poderá *tranquillitas uestra*, como admitiram Celário e outros, dizer respeito aos dois imperadores Valente e Valentiniano?

Em primeiro lugar, não me parece verosímil que, sendo o *Breviário* dirigido a Valente e, mais do que isso, escrito em aquies-

(40) Digo «poder imperial», não por ter em mente o original latino, mas porque o substantivo *βασιλεία*, sem embargo da sua acepção específica de «realeza», «poder real», há-de poder reproduzir aqui o sentido de *imperii potestas*, em conformidade com *βασιλεύς*, que, significando fundamentalmente «rei», pode corresponder, em escritores tardios (Apiano, Herodiano, etcj, a *imperator* ou *princeps*, isto é, «imperador». Note-se que o Dicionário de Bailly, n.<sup>a</sup> ed., s u. *βασιλεία*, assim como o de Liddell-Scott, 9.<sup>a</sup> ed, é omissos no sentido de «poder imperial», que o passo de Peânio exemplifica

(41) Versão citada por Suidas (*Suidae Lexicon*, ed. de B. G. Teubner, pars ill, p. 29) : *Καπιτων, Αύκιος. ιστορικός. ουτος εγραψεν Τσαυρικá βιβλία 0κτ6>, Μετάφρασιν ττ!ς ίπιτονδς Εύτρ&πίου...* Fragmentos dela em João Antioqueno e em Máximo Planudes; v. Droysen, *Momim. Germ, hist, π*, p. cxviii (ed. do *Breviário* de Eutrópio), e G. Popa-Lisseanu, *op. cit.* (v. a nota 16), pp. 13-14. Este último autor situa a vida de Cápiton entre os anos 491 e 527.

(42) Segundo E. Condurachi, um trecho grego citado por Teófanos-o-Confessor e correspondente a um passo do *Breviário* não pertence

cência à sua vontade, Eutrópio quisesse, com a dita expressão, referir-se ao mesmo tempo a esse imperador e ao que reinava no Ocidente. Iam passados somente poucos e breves capítulos após o começo da obra, e o mais natural, portanto, querendo o autor comparar a antiga ditadura com o regime imperial, era invocar apenas, como exemplo deste último, o mesmo imperador a quem pouco antes se dirigira. De resto, não se esqueça que, escrevendo por desejo de Valente, é também no interesse deste que escreve, conforme declara no final do prefácio (43).

Por outro lado, a expressão *tranquillitas uestra* não estaria bastante clara se Eutrópio tivesse querido referi-la a dois imperadores, e não o estaria até para leitores romanos, demais já habituados a expressões de tratamento em que *uester* se aplicava a uma pessoa só. E que, pelo seu enquadramento no texto — mera concordância com um predicado, sem qualquer indicação pessoal complementar —, não poderia, só por si, ser de pronto entendida como referente a mais de uma pessoa. Para o ser, tornar-se-ia necessário que na respectiva proposição se inserisse, por exemplo, uma palavra ou expressão vocativa no plural, palavra do tipo *domini* ou expressão do tipo *optimi imperatores*: «quam nunc, domini [optimi imperatores], tranquillitas uestra habet».

Pode objectar-se a tudo isto que Eutrópio, no final do último capítulo da sua obra (x, 18), se referiu, embora sem os nomear, a Valente e Valentiniano, e mostrou, portanto, associar em sua lembrança os dois imperadores irmãos. A objecção, todavia, não conta, precisamente por ser esse o lugar da referência. Na verdade, vinha ela a propósito nessa altura, porque os governos de Valente e Valentiniano constituíam o «terminus ad quem» do *Breviário*. Chegado o autor, com a descrição do principado de Joviano (44), ao fim da sua narrativa, nada mais

nem à tradução de Peânio nem à de Cápiton, mas sim a outra versão grega de Eutrópio. V. «Una versione greca di un passo di Eutropio», in *Rivista di Filologia e d' Istruzione Classica*, vol. de 1937, pp. 47-50.

(43) «additis etiam his, quae in principum uita egregia extiterunt, ut tranquillitatis tuae possit mens diuina laetari, prius se inlustrium uirorum facta in administrando imperio secutam, quam cognosceret lectione.»

(44) X, 17-ϕ.18s.

natural que assinalar este mesmo fim com uma alusão, posto que passageira, aos imperadores mais recentes (aad inclutos principes uenerandosque peruentum est, ... operi modum dabimus»), tanto mais que ia anunciando uma obra em louvor deles, obra, dizia, para ser escrita em estilo mais alto («stilo maiore») e destinada a maiores cuidados de redacção (aad maiorem scribendi diligentiam»).

Se não há possibilidade, como me parece, de admitir que *tranquillitas uestra* se refira a dois imperadores ao mesmo tempo, como poderá admitir-se que diga respeito a três imperadores, isto é, a Valente, a Valentiniano e a Graciano?

As razões que se opõem à interpretação anterior servem, evidentemente, para contrariar estouta. Mas, além disso, há uma razão de ordem cronológica que torna ocioso orientar neste sentido a exegese da expressão eutropiana. E conhecida, com todo o rigor, a data em que Valentiniano associou seu filho Graciano ao poder supremo, proclamando-o imperador, com o título de «augusto». Sabe-se que este facto ocorreu no ano 367, em Amiens (45). Nada, porém, se pode afirmar sobre a data em que Eutrópio compôs o *Breviário*. Se há quem o julgue escrito pelos fins do ano 36g, posteriormente à vitória de Valente sobre os Godos, fundando esta conjectura no epíteto *Gothico* que certos manuscritos juntam a *DOMINO VALENTI* no endereço da obra (46), deixam outros em suspenso tal probabilidade, pelo próprio facto de não admitirem, segundo códigos julgados mais puros, a genuinidade desse epíteto (47). Para

(45) Amiano Marcelino, xxvii, 6, descreveu pormenorizadamente a investidura de Graciano na dignidade imperial, como já havia descrito antes, xxvi, 4, a investidura de Valente.

(46) Assim pensa Th. Baudement em a «Notice sur Eutrope» que precede o *Breviário* na «Collection des auteurs latins» (*Suétone* etc., p. 817, 2.<sup>a</sup> col.): «Il le composa vers la fin de l'année 369, après la victoire de Valens sur les Goths, comme on peut l'induire de l'épithète de *Gothique* qu'il donne à ce prince, d'après quelques manuscrits.» Apesar disso, ao apresentar o texto eutropiano, Baudement omite o epíteto referido:

*DOMINO VALENTI MAXIMO / PERPETUO AUGUSTO.*

(47) Entre as boas edições críticas ou comentadas que não admitem o epíteto *Gothico* no endereço do *Breviário* contam-se, da primeira metade

quê, portanto, complicar com o nome de Graciano, como faz Elias Vineto, a explicação de *tranquillitas uestra*? Não se sabendo de certeza se Graciano já era «augusto» quando Eutrópio escrevia, torna-se estéril pretender que o escritor se lhe tenha referido. E, admitindo até que a dita expressão não fosse apenas alusiva a Valente e que o jovem príncipe já estivesse àquela data revestido da púrpura, seria lícito supor, mesmo assim, que o historiador não tivesse pensado nele, criança ainda, imperador só de título, mas apenas nos dois soberanos que plenamente exerciam a autoridade imperial.

A este respeito, convém frisá-lo, nem sequer a referência aos sucessores de Joviano, feita no último capítulo do *Breviário*, pode constituir objecção. Elias Vineto, em evidente congruência com a sua explicação de *tranquillitas uestra*, interpretava as palavras «ad inclutos principes» (x, 18), que há pouco citei, como referentes a Valente, a Valentiniano e porventura também a Graciano: *a Hi sunt Valentinianus & Valens, & simul fortasse Gratianus, qui Iouiano successerunt.* » (48) Já fora da influência de Vineto, pois refere *tranquillitas uestra* (49) só a Valente, ainda o tradutor e comentador de Eutrópio dos «Classiques Garnier», o Sr. M. Rat, admite, sob certa condição, que os «inclitos príncipes» possam ser três: «Sûrement Valentinien et Valens, si l'Abrégé d'Europe a été écrit avant le 24 août 367 [data da investidura de Graciano]; dans le cas contraire, peut-être Valentinien, Valens et Gratien...» (50) Afinal, nada há que autorize a pensar assim, mesmo sob reserva, e há até um pormenor que leva a pensar diversamente, — a referência, feita no mesmo capítulo, à apoteose de Joviano. Ao falar em «inclitos príncipes», Eutrópio não deve ter em mente outros que não sejam os dois imperadores irmãos, Valente e Valentiniano, porque, poucas linhas antes, evoca um acto de que só

do século passado em diante, as de C. H. Weise, O. Eichert, G. Hartel, H. Droysen e Epifânio Dias. É igual o critério da ed. de Verheyk, onde se le, em contestação daquele epíteto, minuciosa nota.

(48) Comentário reproduzido por Verheyk. No texto, tanto este como Vineto escrevem *inclutos* em vez de *inclutos*.

(4g) V. a nota 12.

(50) *Eutrope* (coleção «Classiques Garnier»), p. 279.

eles teriam sido responsáveis, a deificação do antecessor («ac benignitate principum, qui ei successerunt, inter diuos relatus est»).

Chega a vez de inquirir se terá alguma consistência a interpretação de Epifânio Dias, isto é, se poderá entender-se, com algum fundamento, que *tranquillitas uestra* se refira não só a Valente, mas aos demais imperadores romanos.

Quero dizer, antes de mais nada, que a circunstância de *tranquillitas* estar no singular, com o possessivo *uestra*, e não ambos no plural, não constitui obstáculo a essa interpretação, assim como não estorvaria, ainda é tempo de o dizer, qualquer das duas interpretações anteriormente discutidas. Apesar de tal emprego do singular, a expressão poderia referir-se muito justamente a uma pluralidade de sujeitos, sem deixar de ser, com relação à época, latim normal. Não faltariam, na verdade, exemplos similares para servirem de abonação. Assim : Júlio Capitolino, na biografia de Opilio Macrino, cap. vi, insere *uestram clementiam* numa mensagem de Macrino e Diadúmeno aos «patres conscripti»; Flávio Vopisco, na biografia de Probo, cap. xi, dá-nos duas vezes *uestra clementia* numa carta de Probo aos senadores (51); Elio Lampridio, na biografia de Alexandre Severo, cap. ix, põe *uestra clementia* na boca do imperador, quando ele fala ao Senado (52); e são muitos os casos em que o epistológrafo Símaco, ao dirigir-se simultaneamente a dois e até a três imperadores, emprega expressões de tratamento compostas de uma flexão de *uester* e de um substantivo no singular (que até pode ser qualificado por um adjectivo), u. g. : *numinis uestri, aeternitas uestra, clementiam uestram, perennitatis uestrae*, em x, 19 (carta a Teodósio e Arcádio); *serenitas uestra, aeternitas uestra, uestro numini*, em x, 21 (aos mesmos); *clementiae uestrae* (gen.), em x, 28 (a Valenti-

(51) No cap. XV há *uestrae clementiae* (dat.), também em carta de Probo ao Senado. O *Thes. ling. Lat.* cita este exemplo, mas apenas um dos dois do cap. xi.

(52) Tanto este exemplo como os outros de Vopisco e Capitolino são traduzidos por um singular, «votre clémence», na ed. da «Collection des auteurs latins». Um plural, evidentemente, é que estaria certo.

niano π, Teodósio e Arcádio); *clementiae uestrae* (gen.), *pietati uestrae*, *perennitatis uestrae*, *perennitas uestra*, *aeternitas uestra*, em x, 34 (a Teodósio e Arcádio); *uestram augustissima?n perennitatem*, em x, 63 (a Valentiniano e aos outros dois). Tudo isto, por sinal, tem correspondência na literatura grega tardia, onde ocorrem expressões análogas, referidas a mais de uma pessoa e compostas de um substantivo no singular e uma flexão de ὑμέτερος ou de um substantivo também no singular e do genitivo de ὑμεῖς, tais como, em S. Basílio, *την ὑμετέραν ἀγάπην* (ap. Migne, 4, 904 A: carta aos bispos da Itália e da Gália), *τῆς ὑμετέρας εὐλαβείας* (ibid., 4, 904 A: εὐλαβείας ὑμῶν (ibid., 4, 889 A: carta aos padres de Nicópolis), etc.

Por este lado, portanto, nada impediria que *tranquillitas uestra* envolvesse alusão a Valente e aos outros imperadores romanos. O pior é que há dificuldades de outra ordem. Mesmo sem invocar razões já expostas e que voltariam a ter cabimento (se a expressão, entendida como referente a dois ou três imperadores, não parece natural nem se apresenta clara, como há-de parecer clara e natural, se enfocada em referência a maior número de pessoas ?), creio haver motivos ponderosos que obstam a essa explicação.

Para ser o que Epifânio Dias pretende, *tranquillitas uestra* não satisfaz, antes do mais, a uma condição que se me afigura básica. Um pronome da segunda pessoa do plural, assim como uma locução em que entre um possessivo correspondente a essa pessoa, pode, claro está, abranger um indivíduo a quem propriamente se está escrevendo ou falando e outro ou outros que se encontram à parte, mas que em dado momento lhe são associados, por com ele estarem em relação. E o que sucede nas línguas clássicas (53) e é também, *mutatis mutandis*, o que sucede em português (para não citar outras línguas românicas), quando, por exemplo, se dirige o discurso a alguém e, a dada altura, se abrange numa locução do tipo de *Vossas Excelências*

(53) Um exemplo já na *Odisseia*, xn, 81-82. Circe tem estado a dirigir-se a Ulisses; a certa altura, porém, diz ὑμεῖς, referindo-se a ele e aos seus companheiros, embora faça avultar em vocativo a pessoa do herói: *ὕψιστος / νῦν παρὰ γλαφυρὴν λύνετε, φαίδρα' Ὀδυσσευ*.

essa mesma pessoa e outra ou mais que de qualquer modo lhe são afins. Mas empregos deste género implicam em regra, com relação às pessoas visadas, uma ideia de concomitância, real ou suposta, a qual por si só as congrega e torna presentes ao espírito de quem fala ou escreve; ora a expressão em causa não deveria fundar-se em semelhante ideia de concomitância, justamente porque não havia uma noção de contemporaneidade que associasse à pessoa a quem Eutrópio se dirigia, o imperador Valente, outras mais, os soberanos que tinham até então presidido ao Império. Se essa expressão acaso se referisse a Valente e a Valentiniano, ou aos dois irmãos e a Graciano, seria, neste particular, perfeitamente normal; aplicada, por hipótese, ainda a outros imperadores, deixaria de o ser.

Temos assim, para opor à interpretação de Epifânio, uma objecção que deriva da mesma natureza do pronome *uester*, da sua amplitude semântica. Contudo, não careço de me cingir a ela, porque há outra, bem simples, mas fundamental, que procede directamente do texto eutropiano, melhor, do próprio passo, da própria oração relativa a que pertence *tranquillitas uestra*. Eutrópio diz «huic imperii potestati, quam nunc tranquillitas uestra habet»; não diz apenas «quam habet», mas «quam nunc habet»; parece, pois, que o advérbio *nunc* (e é curioso como este pormenor escapou a uma observação sempre atenta e sagaz) só por si anula a explicação do nosso grande latinista (54). Na verdade, seja qual for a latitude de sentido que se dê a este advérbio (e, se não se quisesse traduzi-lo por «agora», «neste momento», nunca se poderia ir mais longe do que interpretá-lo por «actualmente», «em o nosso tempo»), não há maneira de o relacionar simultaneamente com um imperador contemporâneo de Eutrópio e uma sucessão de imperadores que preenchia quatro séculos.

Reconhecida, conforme se vê, a inconsistência de três interpretações, resta a possibilidade de aceitar uma única interpretação, ou seja a que, seguida por maior número de comentadores, tra-

(54) G. Popa-Lisseanu, *op. cit.* (v. a nota 16), traduz este *nunc* por *asta'i* («hoje» em romeno), o que não deixa de ser significativo.

dutores, etc., refere *tranquillitas uestra* apenas àquele de quem Eutropio era súbdito directo, o imperador Valente. Será esta, na verdade, excluídas as demais, a única maneira possível de entender essa expressão. E, não havendo outra forma de entender, só haverá também, necessariamente, uma forma de a classificar: ter-se-á de considerá-la, com o elemento *uestra* em lugar de *tua*, como um exemplo do emprego do chamado «pluralis reuerentiae» (55), emprego que foi, como se sabe, primordialmente representado pelo pronome *uos* (expresso ou subentendido), mas se tornou extensivo, com o uso paralelo do possessivo *uester*, a grande número de expressões de tratamento formadas por este e um substantivo.

São conhecidos os antecedentes e a extensão do uso de expressões como *tranquillitas uestra* na prosa literária. De começo, vemos os escritores, sem prejuízo do clássico e tradicional tratamento por *tu*, dirigirem-se aos soberanos e individualizarem, como se fossem entidades, suas virtudes ou atributos, reais ou supostos, mediante um substantivo e uma flexão do possessivo *tuus*. Expressões como estas não constituem logo, claro está, processos de tratamento cortês: durante algum tempo, são apenas formas deferentes ou adadoras de, por assim dizer, concretizar ou objectivar a bondade, a piedade, a indulgência, a majestade, a eternidade que são ou se imagina serem pertinentes à pessoa imperial; como tais se devem entender a *bonitas tua*, a *tua pietas*, a *indulgentia tua*, a *magnitudo tua*, a *aeternitas tua* das cartas de Plínio-o-Moço (56), ou a *maiestas*

(55) Ao uso do "pluralis reuerentiae" consagrou E. Chatelain em 1880 instrutivo artigo, «Du pluriel de respect en latin», publicado na *Revue de Philologie*, t. iv, p. 129 e segs. Sobre a génese deste plural v. também, p. ex, J. B. Hofmann, 5.<sup>a</sup> ed. da *Lateinische Grammatik* de Stolz-Schmalz, p. 372 («Syntax und Stilistik»), e Antonio Tovar, *Gramática Histórica Latina — Sintaxis*, p. 10.

(56) Quicherat, s. u. *aeternitas*, entende a expressão pliniana *aeternitas tua* como formula de tratamento: «*aeternitas tua* PLIN. J. ton éternité (il s'adresse à Trajan), titre qu'on donnait aux empereurs » Mas esta interpretação é manifestamente inexacta, como se vê pela leitura dos respectivos passos plinianos; assim: «*opera non minas aeternitate tua quam gloria digna*» (x, 41), que F. Gaffiot, s. u. *aeternitas*, traduz, e muito bem, por «travaux non moins dignes de l'éternité qui t'attend que de ta gloire



*tua* de uma epístola de Horácio (57). Pouco a pouco, todavia, e como resultado do aumento das práticas solenes nas relações com os imperadores, aumento que Diocleciano, com a sua nova concepção da dignidade imperial, em grande parte origina (58), várias dessas expressões tornam-se em fórmulas de tratamento e equiparam-se, como formulares, a verdadeiras locuções pronominais. Porque nascem com uma flexão de *tuus*, é claro

actuelle»» ; «Archippus per salutem tuam aeternitatemque petit a me ut...» (x, 5g), que também Gaffiot traduz correctamente por «Archippus m'a prié par ton salut et ton éternité de ...». Quer dizer que *aeternitas* não passa, nestes lugares, do que disse Forcellini, s. u. : «*Aeternitas* 011m Romanis Imperatoribus tribuebatur, eadem assentatione, qua & divinitas.»

(57) Assim como Quicnerat entendeu mal a *aeternitas tua* de Plínio-o-Moço, assim H. Goelzer entendeu mal a expressão horaciana *maiestas tua*. Não no dicionário de que é autor com E. Benoist, *Nouv. Diet. lat.-fr.*, onde, s. u. *majestas*, se limita a dizer «titre donné aux empereurs» e a citar Simaco, mas no seu *Diet. fr.-lat.*, onde, a respeito de *majesté* como «titre honorifique donné aux personnes souveraines», dá para abonação de *majestas tua* Horácio, *Epístolas*, 11, i, 258, e além disso ainda cita: Fedro, iv, 4, 23 (suponho que se trata de «tanta maiestas ducis», ii, 5, 23; cf. eds. de L. Havet, «Les Belles Lettres», Epifânio Dias, etc.); Suetonio, *Caligula*, 22 («diuinam ex eo maiestatem asserere sibi coepit») 3 e Marcial, vin, pref. («ad maiestatem sacri nominis tui»). Na verdade, nem o exemplo horaciano nem os outros abonam *maiestas tua* como fórmula de tratamento, pois o que neles se contém é simples menção da majestade ou grandeza imperial. Admira que um latinista da categoria de Goelzer não reparasse nisto mesmo e admira, em especial, que lhe escapasse a natureza «sui generis» do exemplo horaciano, no qual, como muito bem notaram Plessis e Lejay na ed. escolar do Venu-sino (Hachette), há a particularidade de *maiestas* estar em oposição a *paruum* do verso anterior, — «sed ñeque paruum / carmen maiestas recipit tua...». Demais a mais, já Forcellini, muito antes de Goelzer, havia frisado com todo o acerto, depois de citar «*majestas tua, vestra*» como «titulus R. Imperatorum» e de apresentar abonações, que o exemplo de Horácio era caso diverso: «Non est tamen eadem ratione dictum illud *Horat. I. 2. ep. I. v. ad Augustum*, sed neque paruum Carmen majestas recipit tua.»

(58) «Die steigende Anwendung der «Demuts» formein dürfte sich vielmehr daraus erklären, dass seit Diocletian das Zeremoniell des Dominats immer reicher ausgebildet worden war.» Assim se exprime Ernst Robert Curtius em *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (Berna, 1948), p. 414, ao ocupar-se de «Devotionsformel und Demut».

que com ela entram na função nova; com a mesma flexão vão surgindo outras, análogas, aplicadas a altos funcionários e dignitários, civis, militares ou eclesiásticos; mas logo a cada uma, em prática do «pluralis reuerentiae», pode associar-se outra com uma flexão de *uester*, da mesma forma que ao costurnado *tu* pode acrescer o reverencioso *uos*, dando-se até o caso de o tipo *tranquillitas uestra*, pela frequência do seu uso, por sua amiudada alternção ou concorrência com o tipo *tranquillitas tua*, acabar muitas vezes por não diferir deste práticamente (5g). Assim, pois, gradualmente se fixam e vão sendo

(59)Durante a Idade Média continuaram a ser usados, até misturadamente, os dois tipos *tranquillitas uestra* e *tranquillitas tua*, da mesma forma que o plural de reverência *uos* a par com o singular *tu*. No entanto, há gramáticos, como Alexandre de Villa Dei, que pretendem limitar o emprego do plural de reverência, restringindo-o ao estilo figurado e fazendo-o até constituir um'a figura especial chamada «lepos». O facto é referido por Samuel Cavallin, p. 60 das suas *Literarhistorische und, textkritische Studien %our Vita S. Caesarii Arelatensis*, insertas em *Lunds Universitets*

*Årsskrift*, nova série, vol. xxx (trabalho cuja indicação agradeço ao Sr. Dr. Manuel de Paiva Boléo) : «Richtig hat man geschlossen, dass nur figurierte Rede das *vos* an eine Person entschuldigen könne, und hat für den Plur. reverentiae sogar eine besondere Figur, *lepos* genannt, geschaffen. Vgl. Alexander de Villa Dei, Doctrinale (ed. REICHLING, Monumenta Germaniae paedagogica xii, Berlin 1893) V. 25g7 f. (unter den Figuren):

*dicitur esse lepos sermo directus ad unurn  
utens plurali velut hic : «nostis, bone praesul.»*

Com o Renascimento, porém, e particularmente com o Renascimento italiano, surgem as reacções não apenas contra o tipo *tranquillitas uestra*, mas contra o plural de reverência em geral. Fazem-se ouvir, entre outras, as vozes de Petrarca e de Coluccio Salutati, ambos adeptos fervorosos do emprego exclusivo do simples e clássico *tu* (v. também S. Cavallin, *op. cit.*, p. 61, n. i, e p. 62, n. 1). E o espírito destas reacções vai comunicar-se a grande número de humanistas, quer da Itália quer de fora, que por isso ou se servem únicamente da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular como fórmula de tratamento ou transigem, quando muito, com o tipo *tranquillitas tua*. Neste número está Erasmo, que, mesmo usando de expressões como *tua celsitudo*, *tua maiestas*, *tua pietas*, ao dirigir-se a príncipes, a reis, a altos dignitários eclesiásticos (v. ainda S. Cavallin, *op. cit.*, p. 62, n. 1), não deixa de fazer uso corrente e profusíssimo da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular; casos há até

consagradas, com maior ou menor latitude de emprego, varia-  
díssimas locuções de cortesia, sobretudo correntes, como é  
natural, em composições de natureza epistolar — cartas prò-  
priamente ditas, mensagens, dedicatórias — (60), mas também  
empregadas noutros textos literários : *aeternitas tua* ou *uestra*  
(*Tua* ou *Vossa Eternidade*), *clementia tua* ou *uestra* (*Tua* ou  
*Vossa Clemência*), *pietas tua* ou *uestra* (*Tua* ou *Vossa Pie-*  
*dade*), e assim sucessivamente conjuntos vocabulares forma-  
dos por flexões de *tuus* ou *uester* (õ 1) e os substantivos *celsi-*  
*tudo* (*Alteia*), *claritudo* (*Ilustração*), *eminentia* (*Eminência*),  
*excellentia* (*Excelência*), *maiestas* (*Majestade*), *mansuetudo*  
(*Benignidade*, *Mansuetude*), *numen* (*Divindade*), *perennitas*  
(*Perenidade*, *Perpetuidade*), *reuerentia* (*Reverência*), *sanctitas*  
(*Santidade*), *serenitas* (*Serenidade*) e outros (62).

em que só nos dá expressões daquele género no final de cartas, em certas  
fórmulas de despedida, como vejo, p. ex., em duas cartas ao cardeal Sado-  
leto publicadas por Pierre de Nolhac em *Erasmé en Italie* : «Bene valeat  
T. R. D. [= tua reverendissima dominatio]», p. 123; «Bene valeat tua  
R. D.», p. 125.

(60) Do emprego de locuções de tratamento na epistolografia latina  
ocupou-se A. Engelbrecht em *Das Titelwesen bei den spätlateinischen*  
*Epistolographen* (Viena, 1893). Sobre o mesmo assunto v. também E. Nor-  
den, *Die antike Kuntsprosa*, p. 643 e segs.

(61) Estas formas pronominais, assim como se pospõem, assim tam-  
bém podem antepor-se às formas substantivas que acompanham. Já vimos  
acima empregos de *uestra clementia*, *uestrum numen*, etc., posto que refe-  
ridos a mais de uma pessoa. Sem embargo, sirvo-me de *tranquillitas tua*  
e *tranquillitas uestra*, na sequência deste artigo, como designações gené-  
ricas de dois tipos de expressão, sem atender propriamente ao lugar do  
possessivo.

(62) Alguns destes substantivos, além de servirem de base a expres-  
sões com que são tratadas pessoas de alta hierarquia, podem pro-  
duzir, mediante as formas pronominais devidas, expressões com que  
algumas dessas pessoas, particularmente as imperiais, se tratam a si  
mesmas. Se existe a fórmula *aeternitas tua*, também existe paralelamente  
a fórmula *aeternitas mea* (*Minha Eternidade* : cf. Amiano Marcelino, xv, 1);  
se existe, com plural de reverência, a fórmula *aeternitas uestra*, existe  
igualmente, com plural de majestade, a fórmula *aeternitas nostra* (*Nossa*  
*Eternidade*: p. ex., no God. Theod, 10, 22, 3). E, no molde de *aeternitas*  
*nostra* ou *mea*, não faltam empregos de *clementia mea* ou *nostra* (*Minha*  
ou *Nossa Clemência*), *mansuetudo mea* ou *nostra* (*Minha* ou *Nossa Man-*

Tais expressões, diga-se ainda, concorrem e estão por vezes em correlação com superlativos de cortesia, como *clarissimus*, *clementissimus*, *eminentissimus*, *reuerendissimus* ou *reuerentissimus*, *serenissimus* (63), todos abonados literariamente. E como acontece também no grego, onde, se há expressões como η *κρ/ι* *ἀγάπη* ou η *αγάπη σου* (*tua caritas*, *caritas tua*), *κρ/ι* *στ/ι* *ευγένεια* ou η *ευγένειά σου* (*tua nobilitas*, *nobilitas tua*), η *σ-ΥΙ* *εὐλάβεια* ou η *εὐλάβειά σου* (*tua pietas*, *pietas tua*), ou outras idênticas, constituídas pelos substantivos *ἀγοόότης*, (*bonitas*), (*serenitas* ou *tranquillitas*) (64), *ἡμερότης* (*mansuetudo*) (65), *θεοσέβεια* (*pie-*

*suetude*), etc., expressões sobretudo usadas em diplomas imperiais, como se pode ver no Codex Theodosianus e no Codex Iustinianus (exemplos vários no *Th es. ling. Lat.*).

Por estes e análogos modos se nobilitavam a si próprias, com dicções formularias típicas, aquelas mesmas dignidades a quem formularmente nobilitavam os tratamentos alheios. É o processo diametralmente oposto ao que se traduz em fórmulas do tipo de *mea paruitas*, fórmulas de auto-rebaixamento que surgem no latim tardio e em parte são influenciadas pelas ideias cristãs de humildade, se bem que as suas raízes semânticas se prendam a expressões de modéstia já usadas por autores pagãos, tal precisamente *mea paruitas* em frase de Valério Máximo a Tibério («*mea paruitas eo iustius ad fauorem tuum decurrerit, quo cetera diuinitas opinione colligitur*», pref.). A este respeito v., p. ex., Nyrop, *Linguistique et histoire des moeurs*, p. 43, e E. R. Curtius, *op. cit.* (nota 58), p. 414.

(63) Há superlativos deste molde que podem ser, por sua vez, base de substantivos. É o caso de *clarissimus*, que dá *clarissimatus*, palavra designativa da dignidade dos que recebiam o tratamento de *clarissimi*; é o caso também de *perfectissimus*, que dá analogamente e com valor paralelo *perfectissimatus*. Num passo de Amiano Marcelino vêm quase juntos um emprego de *clarissimatus* e outro de *perfectissimus*, a propósito da parcimónia com que o imperador Constâncio distribuía altas dignidades (xxi, 16).

(64) *κρ/ι* *ση* *γαλτινοτης* = *tua serenitas*, *tua tranquillitas*. Bailly, *Diet, gr.-fr* 11.<sup>a</sup> ed., menciona um exemplo de S. Basílio (ap. Migne, 4, 345 C), que figura em carta deste ao imperador Juliano. Em Liddell-Scott, g.<sup>a</sup> ed., só os «Addenda et corrigenda» dão um exemplo de *γαλτινοτης* como termo de tratamento, mas extraído dos *Monumenta Asiae Minoris antiqua*, vol. hi, ed. de J. Keil e A. Wilhelm, 1981.

(65) *κρ/ι* *στ, κρ/ι* *μῆρο* *ΤΥ/ς* — *tua mansuetudo*. Bailly cita um emprego por S. Basílio (ap Migne, 4, 449 C) e outro por S. Gregório de Nazianzo (ibid., 3, 204 C). Posso juntar-lhes, p ex., outros de S. Basílio, como os que se lêem em Migne, 4, 452 B, 4, 656 C, 4, 1017 B. Em Liddell-Scott apenas é citado o emprego de *ἡμετερα εροτις*, tratamento dado pela pessoa imperial a si própria.

*tas*), λαμπρότης (*claritudo*) (66), μεγαίειότης (*maiestas*), μέγεθος (*magnitudo*), οσιότης (*sanctitas*), υπεροχή (*excellentia*), etc., e se há igualmente variantes destas expressões com um pronome do plural em vez de uma flexão de σός, u. g., ή ευγένεια υμών (*nobilitas uestra*), ή ευλάβεια υμών (*pietas uestra*), ή ύμετέρα υπεροχή (*excellentia uestra*), também há, por outro lado, superlativos como αιδεσιμώτατος (*reuerendissimus*), γαληνότατος (*serenissimus*), &εο'ράέστατος (*pientissimus*), τιμώτατος (*reuerendissimus*) (67). E tão correntes se tornam em latim, de certa data em diante, essas tantas locuções do molde de *tranquillitas tua* e *uestra* e esses superlativos cortesões do tipo de *serenissimus* (68), que umas e putros não ser, por sua larga difusão, a origem imediata de um sem-número de títulos modernos, de diversísimas dicções gradualmente determinadas pela complicação dos formalismos, em suma, de toda a complexa multidão de tratamentos portugueses, espanhóis, italianos, franceses, etc., que o respeito ou a adulação fundamentam e, nalguns casos, os caprichos das relações sociais fazem sair da especialização original para a generalização e vulgaridade (69). Não se esqueçam, a

(66) O artigo λαμπρότης de Liddell-Scott, ao dar um ex. de η ση λαμπροτη reprodu-lo por «your *Serenity, Serene Highness*». Salvo, porém, o devido respeito, esta tradução é demasiado livre, porquanto o substantivo λαμπροτης, embora usado numa locução de tratamento, não pode perder completamente o sentido de «brilho», de «lustre», que lhe é inerente de origem (cf. λαμπρός) e que perdura afinal em toda a sua historia, mesmo em acepções derivadas ou secundárias. O sentido da palavra neste caso não será senão o mesmo do correspondente latino *claritudo* (também preso em toda a sua evolução à ideia de «brilho» ou «lustre», que lhe vem de *clarus*), pelo que η ση λαμπροτης não diferirá da fórmula latina *tua claritudo*, que é como quem diga, ao pé da letra, *Tua Ilustração*, ou, fora da letra, mas em expressão de uso vernáculo, *Vossa Ilustríssima*.

(67) αιδεσιμώτατος, aplicado a prelados; γαληνότατος, a imperadores; &εοφλεστατος, a imperadores, mas também a bispos, etc.; τιωάτατος, particularmente a prelados. De γαληνότατος há um exemplo em S. Basilio (citado por Bailly, s. u. γαληνός) que vem pouco antes do de γαληνοτης acima referido, na mesma carta a Juliano (ap. Migne, 4, 345 B).

(68) O seu maior incremento tem início no séc. m

(69) O português dá exemplos muito curiosos deste facto. E nenhuns melhores que as evoluções de emprego sofridas pelas locuções *Vossa Mercê*, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*. *Vossa Mercê* applicava-ae primeiramente aos reis, aos quais veio a caber o tratamento de *Vossa Alteia*

propósito, a acerba crítica de Erasmo a semelhantes fórmulas honoríficas (70) e aquela que, na mesma antipatia por tantas

(depois reservado a príncipes e infantes) e por último o de *Vossa Majestade*; mas, de extensão em extensão, acabou por se generalizar até aos usos que as formas pronominais *vossemecê* e *você*, além de outras, hoje documentam. *Vossa Excelência* cabia outrora a infantes e aos duques da Casa de Bragança, dotada esta, como diz o nosso Bernardes, de «Excelência de juro, por ser fundada em Infante, quando deste grao era propria a Excellencia, como dos reis a Alteza» (*Nova Floresta*, «Cortesia»); nem sequer se applicava aos outros duques portugueses, o que só posteriormente veio a acontecer; pois foi-se propagando, apesar disso, a outros graus da nobreza e a vários da hierarquia eclesiástica, militar e civil, até chegar àqueles extremos de generalização que hoje se verificam em Portugal e já eram correntes no século passado, como deixa ver, pela pena de Júlio Dinis, descontado o que tem de grotesco, uma fala do Frei Januário d Os *Fidalgos da Casa Mourisca* (cap. iv). *Vossa Senhoria*, por seu turno, passou da limitação filipina, que a reservava (lei de 15 de Setembro de 1597) para duques não de Bragança, marqueses, condes e bispos, a abranger indivíduos de outros graus hierárquicos (por lei de D. João v, de 29 de Janeiro de 1739, concedia-se àqueles a *Excelência*, mas teriam a *Senhoria* viscondes, barões, governadores de praças-fortes, reitores da Universidade, etc.) ; e pôde ainda chegar mais longe, como testemunha a sua persistência, embora restrita, na linguagem militar, na correspondência comercial e até em certas falas de gente humilde a pessoas de superior condição.

Para a história dos tratamentos *Vossa Mercê*, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, é instrutiva, diga-se de passagem, ao lado da consulta de trabalhos filológicos mais ou menos recentes, como o artigo de Cláudio Basto na *Revista Lusitana*, xxix, a leitura de algumas páginas literárias antigas e modernas, que se referem a essas expressões. Assim: Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*, diálogo 18.º; D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, cap. 1; Camilo Castelo Branco, *Noites de Insomnia*, artigo «Excellentísimos senhores» (vol. iv). Além disso, tem interesse percorrer, conjuntamente com obras em verso, certas obras em prosa dos nossos clássicos, onde se colhem indicações da forma de distribuir a *Excelência*, a *Senhoria* e a *Mercê* pelos graduados da nobreza, do clero e da hierarquia civil. Curiosas a este respeito, entre outros livros, as *Historias de Proveito e Exemplo*, em que o autor, Trancoso, pela boca de personagens diversas, dá *Excelência* a vários duques da Itália (parte ui, contos 6.º, 7.º, io.º), porém *Senhoria* a um duque de quem fala vagamente (1, 14.º); dá *Senhoria* a um marquês (ui, 5.º), a um conde (1, 4.º), a um arcebispo (1, 8.º), a um regedor da Suplicação (1, 15.º); e dá *Mercê*, p. ex, a um rei tomado por fidalgo (11, 7.º), a um embaixador (1, 13.º), a uma dama (1, 19.º).

(70) Ao satirizar a vida áulica do seu tempo, Erasmo refere-se, com

solenidades e pompas de trato, lhes faz o latinista francês Tannegui Lefebvre (Tanaquillus Faber), o pai e mestre da Senhora Dacier (71).

Ressalta do exposto o único valor admissível da expressão eutropiana *tranquillitas uestra*. Ela tem de ser, no texto do *Breviário*, um entre tantos casos de locuções de tratamento em que o possessivo *uester*, como plural de reverência, toma o lugar de *tuus*. Mas, se este facto se torna evidente pela própria exclusão de outras possibilidades e se nada há no texto que se lhe oponha, a verdade é que ainda é possível comprová-lo e esclarecê-lo, como passarei a mostrar, com razões especiais de natureza histórico-linguística.

mordente ironia, às práticas cortesãs de reverência, nomeadamente ao hábito de tratar os reis por *Senhor* (*herus*, como ele escreve: cf. fr. *Sire*, etc.) e à frequência com que então se prodigalizavam as honras da *Serenidade* e de quejandas designações adulatorias. V. *Elogio da Loucura*, cap. lvi.

(71) É a expressão *mansuetudinis tuae* do prefácio de Eutropio, juntamente com a expressão *tranquillitatis tuae* do mesmo prefácio, que dita a Lefebvre, na sua ed. do *Breviário* (Saumur, 1672), veemente objurgatoria contra a variedade e a complexidade de tratamentos que sucederam à singeleza primitiva. Servem-lhe de exemplos não apenas títulos honoríficos usados no latim tardio, mas também locuções românicas várias, que menciona à latina, e entre estas a *Vuestra Señoría* (*Dominatio uestra*) dos Espanhóis, tão corriqueira, diz com exagero, que não há moço de estrebaria ou vendedor de fósforos a quem não se aplique: « *Vt ea tempestate vera ilia Romani sanguinis nobilitas paene exaruerat, ita & sermonem Latinum incesserat turpis illa Barbaries & vere Gothica, quae postea invaluit magis, ut cum ad Principes scriberent, eos Serenitatis, Tranquillitatis, Mansuetudinis, Clementiae, Numinis denique & Aeternitatis &c. titulo cohonestarent. Ex eodem fonte manarunt, que hodieque vigent, ó cum honore personarum (nam piaculum sit nisi ita loquaris) Excellentia uestra, Celsitudo, Eminentia, Reverentia uestra; &#, nequid ineptiarum absit, Dominatio uestra, quo nihil apud finitimos nostros frequentius, si vel agasonem aliquem aut sulfuratorum propola alloquantur; & tamen, 0 seclum insipiens! Nino, Cyro, Alexandro, & Karolo Magno huius nominis ferculum satis esset.*»

Esta crítica de Lefebvre foi reproduzida quase textualmente, com a assinatura *Pater meus*, na ed. de Eutrópio comentada por sua filha (Paris, 1683) e, posteriormente, com a assinatura TANAQ. FABER, na ed. holandesa de Verheyk (Leída, 1762: cf. a nota 27).



Um primeiro argumento a favor da interpretação de *tranquillitas uestra* por *Vossa Serenidade* e em relação a uma só pessoa colhe-se no próprio facto de ser corrente no tempo de Eutrópio, e até já antes, o uso de expressões de tratamento com uma flexão de *uester* em vez de uma flexão de *tuus*. Se este uso ainda então fosse raro ou incipiente, poderia acaso vacilar-se nessa interpretação; dada, porém, a sua frequência, nem por um momento se deverá pô-la em dúvida. E curioso que Frederico Silbúrgio, no tomo I dos *Historiae Romanae scriptores Latini minores*, apesar de repetir, como acima lembrei, a interpretação de Elias Vineto (*tranquillitas uestra* respeitante a Valente, Valentiniano e Graciano) e de a aplicar até, como também acima referi, a uma expressão congénere de outro autor (*perennitas uestra* respeitante aos mesmos imperadores), não deixava de fazer uma reserva às suas mesmas palavras, lembrado como estava do uso corrente do «pluralis reuerentiae» na prosa latina tardia: «*Sed sciendum tarnen, illius temporis scriptores in Imperatoriae maiestatis compellatione haud infrequenter plurali numero esse vsos: vt cu7n ex aliis manifestum est, tum ex Iulio Capitolino, qui Veri Imperatoris vitam Diocletiano inscriptam sic claudit; cum adhuc post Marcum, praeter vestram clementiam, Diocletiane Auguste, Imperatorem talem nec adulatio videatur potuisse contingere.*» (72)

Ainda decorreu bastante tempo, convém notá-lo, até que os escritores deixassem de tratar os imperadores somente por /w, segundo a tradição, ou por vocativos e expressões vocativas condizentes com essa forma pronominal. Durante um período relativamente grande, nem sequer ocorriam em textos os tratamentos do molde de *tranquillitas tua*. Assim, no século 11, o retórico Frontão tratava os imperadores em suas cartas, entre

(72) Estas palavras seguem-se imediatamente às que transcrevi na 2.<sup>a</sup> parte deste artigo. A pontuação reproduz fielmente a original.



eles Marco Aurélio, por *?ni domine* (73). Mas, quando Eutrópio escrevia, em pleno século iv, tinham já grande curso e encontravam-se consagrados não só o uso do tipo *tranquillitas tua*, senão também o do tipo *tranquillitas uestra*, usos que logo se repetiam em textos posteriores ao *Breviário*. Se é certo que o historiador Amiano Marcelino, em reproduções de falas e mensagens a imperadores, nos não apresenta o segundo destes tipos, mas só o primeiro, exemplificado por *tua clementia* (74) e *pietatis tuae* (75), vamos, todavia, encontrar um e outro em vários escritores do mesmo século ou de tempos próximos. Temos-los ambos, com efeito, em autores da *Historia Augusta*, obra publicada, segundo parece, sob o imperador Juliano (76), mas constituída por textos de datas diversas; temo-los também no epistolário de Símaco, em muitas cartas dirigidas por este a imperadores; temo-los igualmente na *Epitoma rei militaris* de Vegécio; etc. E o que se pode ver, para melhor ideia de pormenor, nos seguintes esquemas exemplificativos, onde se notará a curiosa circunstância de a mesma pessoa, isto é, o mesmo imperador, poder receber por vezes, num só texto, dois, três e até mais tratamentos diferentes:

(73) Na ed. de Frontão da colecção «Loeb» (Londres, 1919-1920), a cargo de G. R. Haines, figura uma carta do «praefectus aerarii» a Marco Aurélio onde se encontra o mesmo tratamento.

(74) Em XX, 8, numa carta do imperador Juliano ao imperador Gostânncio: «Praefectos praetorio, aequitate et meritis notos, tua nobis dabit clementia.»

(75) Em xxii, q, numa fala de inimigos de Talássio, antigo funcionário imperial, a Juliano: «Thalassius, clamitabant, inimicus pietatis tuae nostra uiolenter eripuit.»

(76) É a opinião sustentada pelo Prof. Norman H. Baynes no seu livro *The Historia Augusta: its date and purpose* (Oxónia, 1926) e por ele próprio novamente defendida no artigo «The Historia Augusta, its date and purpose, a reply to criticism», publicado em *The Classical Quarterly*, xxn, pp. 166-171. Entre outros filólogos europeus, segue a mesma opinião o alemão E. Hohl, que, com a autoridade de recensor dos *Scriptores Historiae Augustae* (ed. teubneriana, Lípsia, 1927), se pronuncia a favor do Prof. Norman Baynes no artigo «Zur Historia-Augusta Forschung», *Klio*, ix, pp. 149-164.

AUTORES DA *HISTORIA AVGVSTA*:1) tipo *tranquillitas tua*:

Elio Esparciano (ao imperador Diocleciano) : *clementiam tuam*, «Antonino Geta», 1, : *numinis tui*, «Elio Vero», i;

Elio Lampridio (ao mesmo imperador): *clementia tua*, «Antonino Heliogábalo» (77), xxxiii; *ad clementiam tuam*, *ibid.*, xxxiv; *ad pietatem tuam*, *ibid.*, xxxiv; *clementiae ac pietati tuae*, «Alexandre Severo», lxiv(78); *pietati tuae*, *ibid.*, lxiv;

Júlio Capitolino (ao mesmo imperador): *clementiae tuae* (dat.), «Os Dois Maximinos», i; *ad tuam clementiam*, «Os Três Gordianos», i; *pietas tua*, «Os Dois Maximinos», i; *pietatem tuam*, «Os Três Gordianos», i ; *serenitati tuae*, «Opilio Macrino», xv;

2) tipo *tranquillitas uestra*(79):

Elio Esparciano (ao imperador Diocleciano): a *uestra clementia*, «Elio Vero», 11;

(77) Ou «Elagábalo». com base na variante latina *Elagabalus*, adoptada, p. ex., na ed. de D. Magie, da colecção «Loeb» (Londres, 1921 e anos segs.).

(78) Curioso este exemplo, que associa duas expressões de tratamento: *a Tua Clemência e Piedade*.

(79) Deve notar-se que o tipo *tranquillitas uestra* não é ainda tão corrente na *Historia Augusta* como há-de ser em textos posteriores; o tipo *tranquillitas tua* está aí mais representado. Do mesmo modo, têm menos emprego na *Historia Augusta* o pronome pessoal *uos*, o possessivo *uester* (fora de locuções) e a 2.<sup>a</sup> pessoa do plural dos verbos, como «pluralia reuerentiae», que o pessoal *tu*, o possessivo *tuus* (fora de locuções) e a 2.<sup>a</sup> pessoa do singular. Exemplos destas duas espécies:

1) *tu, tuus*, 2.<sup>a</sup> pess. sing.:

Elio Lampridio, «Antonino Heliogábalo», xxxiv: «Te uero, Auguste uenerabilis...»; «quorum omnium ius in ditionem tuam deuenit...»; «gloriae tuae accedere...»;

Júlio Capitolino, «Opilio Macrino», xv: «te cupidum ueterum imperatorum esse

Júlio Capitolino (ao mesmo imperador); *uestra clementia*, «Os Três Gordianos», xii ; *praeter uestrain clementiam*, «Vero», xi.

SÍMACO, *EPÍSTOLAS*, 1.x (80):

1) tipo *tranquillitas tua*:

i (a Teodósio): *celsitudinis tuae*, *excellentia tua* (81);

26 (ao mesmo) : *diuinae clementiae tuae* (gen.) (82), *numen tuum, perennitatis tuae, clementiae tuae* (dat.);

27 (a Valentiniano 11): *clementiae tuae* (gen.);

2) tipo *tranquillitas uestra* (S):

15 (a Valentiniano 11): *uestra clementia, numini uestro*;

16 (a Teodósio): *numinis uestri, maiestatis uestrae, aeternitati uestrae, clementiam uestram*;

perspeximus.»; «Os Três Gordianos», xxxiv: «... Constantine maxime, ... ne quid tuae cognitioni deesset...»;

Vulcácio Galicano, «Avidio Prisco», m: «... Diocletiane Auguste, ... ut omnes purpuratos Augustos cognosceres.»;

2) *wos, uester*, 2.<sup>a</sup> pess. pl.:

Júlio Capitolino, «Marco Antonino», xix: «ut uobis ipsis, sacratissime imperator Diocletiane, et semper uisum est et uidetur...» ; «eum inter numina uestra... ueneramini...»; «dicitis uos... tales esse cupere qualis fuit Marcus...»

(80) O 1. x é o que contém as epístolas dirigidas por Símaco aos imperadores.

(81) A ordem por que dou estes e os subsequentes exemplos de Símaco é aquela por que aparecem nos respectivos textos.

(82) Neste caso o substantivo que serve de base à locução de tratamento recebe um qualificativo que lhe aumenta o valor reverencioso: *de Tua Divina Clemência*. Não é, porém, caso único no latim de Símaco; até já citei, embora a outro propósito, a construção de x, 63, referida a três imperadores, *uestram augustissimam perennitatem* = Fossas *Augustissimas Perenidades*. Assim pois o latim se antecipa às línguas românicas em criar expressões do molde de *Vossa Alteia Serenissima*.

(83) Além do uso frequente deste tipo de expressão, Símaco faz profuso emprego de *uos*, de *uester* e da 2.<sup>a</sup> pessoa do plural dos verbos como formas de «pluralis reuerentiae».

- 17 (ao mesmo): *clementiae uestrae* (gen.);  
 18 (ao mesmo): *numinis uestri*;  
 24 (a Valentiniano 11): *clementiae uestrae* (gen.);  
 26 (a Teodósio): *mansuetudinis uestrae*;  
 27 (a Valentiniano 11): *numinis uestri, clementiae uestrae* (gen., bis), *aeternitas uestra*;  
 29 (a Teodósio): *clementiam uestram*;  
 30 (ao mesmo): *numinis uestri, clementiae uestrae* (gen.);  
 31 (ao mesmo): *clementiae uestrae* (gen.), *per ennitatis uestrae, aeternitas uestra, numinis uestri*;  
 44 (ao mesmo): *aeternitati uestrae, aeternam clementiam uestram* (84) ;  
 46 (ao mesmo): *aeternitatis uestrae, numinis uestrae* /r/, *uestra clementia, tranquillitatis uestrae*;  
 etc., etc.

VEGÉCIO, *EPITOMA REI MILITARIS*:

1) tipo *tranquillitas tua* :

- 11, pról. (a Valentiniano 11, como em todos os casos subsequentes): *tranquillitas tua*;  
 u, 18: *perennitas tua*;  
 m, epil.: *in serenitate tua*;  
 IV, pról.: *serenitatis tuae, a pietate tua*;  
 v, pról.: *maiestatis tuae*;

2) tipo *tranquillitas uestra*{85):

- i, pról. : *clementiam uestram*;  
 u, pról.: *clementiam uestra?n, inaiestati uestrae*;

(84) *Vossa Eterna Clementia*. V. a nota 82.

(85) Fora deste tipo de expressão, Vegécio quase não emprega *uester*, como plural de reverência, ao dirigir-se a Valentiniano; excepcional o exemplo de 11, pról., «me indulgentiae uestrae perennitas animauit». Mas também pouco se serve de *tuus*, à parte do tipo *tranquillitas tua*; exemplos esporádicos o de m, epil., «rei publicae tuae et imperatoris officium exhibeas et militis», e o de iv, pról., «Regni animique tui bona cernimus».

iv, pról.: *uestrae clementiae* (gen.), *maiestatis uestrae*.

Um segundo argumento, que reforça o agora exposto, deduz-se de um pormenor também patente no latim do século IV e proximidades : haver aí não raros lugares em que o tipo *tranquillitas uestra* aparece em contiguidade ou de per-meio com o tipo *tranquillitas tua*. A primeira vista, poderá estranhar-se que Eutrópio escrevesse *tranquillitatis tuae* no prefácio do *Breviário* e logo adiante, no cap. 12.<sup>o</sup> do l. 1, escrevesse *tranquillitas uestra*. Mas toda a estranheza desaparece quando se verifica, na prosa daqueles tempos, que os dois tipos de expressão podem concorrer ou misturar-se na mesma secção, no mesmo capítulo, até no mesmo passo de uma obra; mais: que o tipo *tranquillitas uestra* pode igualmente misturar-se com o uso do pronome pessoal *tu*, do possessivo *tuus* e da segunda pessoa do singular dos verbos. Sirvam de prova estoutros esquemas exemplificativos :

AUTORES DA *HISTORIA AVGVSTA*(86):

Elio Esparciano (ao imperador Diocleciano): *a uestra clementia* em «Elio Vero», cap. 11, bastante próximo de *numinis tui*, cap. 1;

Júlio Capitolino (ao mesmo imperador): *uestra clementia* em «Os Três Gordianos», cap. xii, não muito longe de *ad tuam clementiam* e *pietatem tuam*, cap. 1.

SÍMACO, *EPÍSTOLAS*, 1.x (87):

26 (a Teodósio): *mansuetudinis uestrae*, depois de *diuinae clementiae tuae* e *numen tuum*, e antes de *perennitatis tuae* e *clementiae tuae*;

27 (a Valentiniano 11): *numinis uestri, clementiae uestrae* (bis) e *aeternitas uestra*, em contraste com *clementiae tuae*, que vem mais adiante.

(86) Associo exemplos que acima^dei separadamente.

(87) Também aqui associo exemplos que acima dei em separado.

S.<sup>TO</sup> AMBROSIO, *EPISTOLAS*:

XVII (a Valentiniano 11; Migne, 2<sup>1</sup>, 1002-1006) (88): *clementiae uestrae* (gen.), após *clementiae tuae* (gen.) e antes de *pietatis tuae* e *clementiae tuae* (gen.).

VEGÉCIO, *EPITOMA REI MILITARIS* (89):

i, pról. (a Valentiniano 11, como nos casos subsequentes): *clementiam uestram*, mas mais adiante, no periodo final, *tibi, disponis, agnoscas, credis e inuenias*;

ii, pról. : *clementiam uestram* e *maiestati uestrae*, mas *tranquillitas tua* pouco depois do primeiro exemplo (90) ;

iv, pról.: depois de *serenitatis tuae* e *a pietate tua, uestrae clementiae* e *maiestatis uestrae* (91).

(88) Esta epistola de S.<sup>to</sup> Ambrosio é uma das que vem adicionadas, do século XVI em diante, a eds. do epistolário de Símaco (v., entre outras, a ed. de 1580, de Paris, «cura et studio Francisci Iureti», e a de 1601, de Saint-Gervais, que «lac. Lectius... recensuit»), como contraditas de certa importante mensagem do famoso prefeito de Roma, a conhecida «Relatio» (x, 54) endereçada a Valentiniano, Teodósio e Arcádio. A outra é a que tem o n.º xvm. Na *Patrologia* de Migne, todavia, só esta última (2<sup>1</sup>, 1013-1024) é que figura como resposta directa à dita mensagem, cujo texto vem reproduzido antes (2<sup>1</sup>, 1007-1012); e está bem assim, porque Ambrosio escreveu a carta xvn, não há dúvida, quando soube da audiência imperial concedida a Símaco para a leitura da «Relatio», mas só depois de conhecer este texto redigiu a carta xviii, sua contestação. V. o recém-publicado t. ni de PRUDENCE (*Psychomachie — Contre Symmaque*), ed. de «Les Belles Lettres», p. 87.

Na carta xvm, logo de entrada, há um exemplo do tipo *tranquillitas tua — ad clementiam tuam*—, porém não há mais exemplos deste nem qualquer do tipo *tranquillitas uestra*.

(89) Tal como da *Historia Augusta* e de Símaco, também de Vegécio dou exemplos que já acima apresentei em grupos distintos.

(90) Além disso, um emprego de *uester* fora de locução: «*indulgentiae uestrae perennitas*». V. a nota 85.

(91) Entre os dois primeiros e os dois últimos empregos, ainda um emprego de *tuis* : «*Regni animique tui*». V. também a nota 85.

Exemplos como estes dão bem ideia da facilidade com que os tipos *tranquillitas uestra* e *tranquillitas tua* concorrem e se misturam no latim do 4.<sup>o</sup> século ou já antes e de como e' natural, por conseguinte, o aparecimento de um e outro no *Breviario* eutropiano. Ainda posso, no entanto, acrescentar-lhes, por se dar a circunstância de pertencerem a um texto congénere e serem por isso-mesmo particularmente significativos, os exemplos que nos apresenta um dos vários abreviadores do tempo de Eutrópio, Rúfio Festo (92). Este escritor, que nada tem de comum, ao contrário do que já se supôs, com Rúfio Festo Avieno, o conhecido autor da *Ora maritima* e da *Descriptio orbis terrae* e além disso tradutor de Arato (g3), é autor de um resumo da historia de Roma, de um *Breviário* (94), que parece ter por fonte, entre outras obras, se não até por modelo, o livro homónimo do seu contemporâneo (95). Ora precisamente nesta obra, que é dirigida, como a de Eutrópio, ao imperador Valente (96), que é escrita, como ela, por vontade do mesmo

(92) Reprodução de *Rufius Festus*. Variantes antigas do nome deste autor: *Sextus Rufus* (em José Júlio Escalígero, Isaac Casaubono e outros), *Rufus Festus* (p. ex., em Henrique de Valois), *Festus Rufus* (p. ex., em Volaterrano), *Sextus Rufus Festus* (em Tomás Reinésio, Godefroy, Henrique Verheyk, etc.).

(93) Vóssio foi dos que identificaram o abreviador Festo com o poeta didáctico Avieno, opinião cedo rejeitada por vários eruditos, como Spon, Nicolau António, Fabricio, Tillemont (v. Th. Baudement, «Notice sur Rufus», ed. da «Collection des auteurs latins»). A impossibilidade de tal identificação foi expressamente reafirmada pelo italiano A. Garroni, a propósito da inscrição do C. I. L., vi, 537, no artigo «L'iscrizione di Rufio Festo Avieno e l'autore del Breviarium historiae romanae», inserto no *Bollettino della Commissione Archeologica Comunale in Roma*, 1915, pp. 123-135.

(94) *Breviarium rerum gestarum populi Romani*, também designado por *Breviarium de uictoriis et prouinciis populi Romani*, por *Breviarium historiae Romanae* e até por *De historia Romana libellus*.

(95) Não é Festo, porém, o único autor contemporâneo de Eutrópio que sofre a sua influencia. Estão neste mesmo caso, entre vários, dois outros autores de narrativas, os abreviadores Aurélio Vítor e Júlio Obsequente. E em séculos posteriores não faltam os autores que o leem com apreço ou até lhe fazem importações, como S. Próspero, Paulo Orósio, S.to Isidoro de Sevilha, Cassiodoro, Jordanes e tantos mais.

(96) Os termos do endereço de Festo não diferem muito dos empregados por Eutrópio. Se este diz DOMINO VALENTI [GOTHICO?] MAXIMO PER-

imperador (97) e que, como ela ainda, apresenta a particularidade de prometer, nos períodos finais, outra obra em que seriam relatados os sucessos mais recentes (98), dá-nos Festo logo de início, e bastante próximos um do outro — a entrada do cap. 1.º, que serve de endereço, e à entrada do cap. 2.º, que principia a narrativa —, dois exemplos dos referidos tipos de expressão. E não é só isso. No cap. 1.º diz *dementia tua*, que há-de repetir adiante em forma de genitivo (cap. 10.º), mas fá-10 normalmente: «Breuem fieri dementia tua praecepit.» (99) No cap. 2.º, porém, diz *perennitatis uestrae*, mas põe a seguir uma proposição relativa cujo predicado está na 2.ª pessoa do singular e cujo sujeito é nem mais nem menos que a pessoa designada por aquela expressão, o imperador Valente: «Ab urbe igitur condita in ortum perennitatis uestrae, quo prosperius [factum] imperium Romanum sortitus es, anni numerantur mille centum decem et septem.» (100)

PETV0 avgvsto, diz a quele d. n. valenti imperatori pio perpetuo semper  
AVGVSTO.

(97) Tal como Eutropio declara escrever «ex uoluntate mansuetudinis tuae», Festo afirma que obedecerá de bom grado às determinações imperiais («Parebo libens...»), o que não admira, atenta a sua situação de apaniguado de Valente.

(98) A diferença está apenas nisto : ao passo que Eutrópio, descrito o principiado de Joviano (x, 17 e 18), anuncia querer fazer a história dos governos de Valente e Valentiniano, Festo, chegado ao fim da narrativa, só tem em vista celebrar um dia os feitos de Valente, destinatário da sua obra. «Quam magno deinceps ore — diz hiperbólicamente — tua, o princeps inuicte, facta incluta sunt personanda?...»

(99) Sigo aqui a leitura considerada preferível, leitura que tem já a aceitação de Verheyk, na ed. adicionada à do *Breviário* de Eutrópio (cit.), e que é a adoptada posteriormente por vários filólogos, como Th. Baudement na ed. da «Collection des auteurs latins». Em eds. antigas inseria-se *libellum* entre *tua* e *praecepit*, com *breuem* em concordância, isto é: «Breuem fieri dementia tua [libellum] praecepit.» Assim, p. ex., nos *Historiae Romanae scriptores Latini minores*, t 1, de Frederico Silbúrgio (cit.); nos *Historiae Romanae scriptores Latini veteres*, Genebra, 1623 (apud Viduam et Haeredes Petri de la Rouiere); nas *Historiae Romanae epitomae*, Amsterdão, 1625 (G. I. Caesius).

(100) Outros recensores leram este período diversamente. Houve quem substituisse *sortitus es* por *sortita est* e desse como sujeito a esta flexão a forma *Roma* («quo prosperius factum imperium Roma sortita



Não há melhor sinal de como o tipo *tranquillitas uestra*, à força de ser corrente, se identifica e chega a não se distinguir praticamente do tipo *tranquillitas tua*. E tanto assim é que *perennitatis uestrae*, pela situação em que se encontra no citado passo relativamente a *sortitus es*, em nada difere da situação sintáctica de *clementiae tuae*, no limiar do cap. x, relativamente ao predicado *habes* da oração relativa seguinte: «Nunc Eoas partes, totumque Orientem, ac positas sub uicino sole prouincias, qui auctores sceptris tuis parauerint, explicabo; quo studium clementiae tuae, quod in iisdem propagandis hábes, amplius excitetur.»

Não pára com o século iv, como é natural, a mistura dos mesmos dois tipos de expressão. Os textos latinos continuarão a apresentá-la ainda por largo tempo, da mesma forma que apresentarão misturados os pronomes *tu* e *uos* ou (para além de locuções de tratamento) *tuus* e *uester* (101). O que importa,

est»: v. o comentário de Silbúrgio, *op. cit.*, p. 747); houve também quem fizesse esta mesma leitura, mas suprimisse *factum* («quo prosperius imperium Roma sortita est»: v. o mesmo, *ibid.*); houve, por outro lado, quem fosse mais longe em substituições, lendo *fratrum* em vez de *factum* («quo prosperius fratrum imperium Roma sortita est»: v., p. ex., as *Historiae Romanae epitomae*, citadas em a nota anterior). !Mas todas estas leituras, já sem falar da que substitui *factum* por *fratrum*, conservando todavia *sortitus es* e *imperium Romanum* («quo prosperius fratrum imperium Romanum sortitus es»: v. os *Historiae Romanae scriptores Latini veteres*, também citados em a nota anterior), são preteridas pela que se lê acima e parece representar o resultado mais seguro a que chegou a crítica verbal. Além de outros, já a adoptaram Silbúrgio e Verheyk.

(101) S. Cavallin, *op. cit.* (nota 5g), p. 5g, faz transcrições de Enódio, *Vita Epiphani*, e de Gregorio de Tours, *Historia Francorum*, que patenteiam misturas de tutear e vosear, e junta-lhes uma transcrição do próprio texto de que especialmente se ocupa, a *Vita S. Caesarii Arelatensis* (dos meados do século vi): «Dieselbe charakteristische Mischung von Duzen und Ihrzen und dem Typus *magnificentia uestra* ist nach dem glaubwürdigen Zeugnis der X-Hss. in unserer Vita 1 37 überliefert, wo der König Theoderich der Grosse durch seine Diener dem Bischof ein Geschenk mit folgenden Worten überbringen lässt: (471, 12 ff.) *Acci-pe, sancte episcop-e. Rogat filius vester ... rex, ut vasculum istum ... muneris loco dignanter be at it udo uestra percipiat* » A este respeito é também elucidativo, apesar de mais antigo, um estudo de Chrismann, «Duzen und Ihrzen im Mittelalter», publicado em *Zeitschrift für deutsche Wortforschung*, 1 (1901).

porém, ao meu caso é que essa mistura se dê, como de facto se dá, em autores da época de Eutrópio, inclusivamente num que cultiva o seu género, escreve sob a sua influência e até no endereço e no epílogo lhe fica em paralelo.

Seja-me permitido frisar ainda, não já como argumento específico a juntar aos expostos, mas como prevenção contra uma dúvida possível, que certa ideia que se tem feito ou ainda se faz da pureza do latim de Eutrópio não deve, de modo algum, constituir óbice à única interpretação aceitável de *tranquillitas uestra*.

Para quem não pensa noutras razões, o emprego de *tranquillitas uestra* em relação a uma só pessoa, num autor cuja linguagem tem sido e continua a ser celebrada como de rara pureza, representará desvio da correcção prevista. Esperar-se-ia neste caso *tranquillitas tua*, à parte, é certo, da singeleza tradicional do *tu*, mas ainda assim, pelo possessivo *tuus*, em correlação com o tratamento clássico por excelência (102). E quem sabe até se isto não influiu em certos comentadores, ao menos em parte, para suporem *tranquillitas uestra* referente a mais que uma pessoa! Fácilmente, contudo, se desfaz a objecção, quando se reconhece, com razões palpáveis, a impossibilidade de partir deste pressuposto, —que o latim de Eutrópio seja modelo de vernaculidade.

Ainda bem próximo de nós e até em nosso tempo, em seguimento de velhos pareceres, não tem faltado quem declare exemplarmente pura, sem restrições, a linguagem eutropiana. Era ontem Baudement, na edição da «Collection des auteurs latins», a afirmar que o autor do *Breviário* «n'a guère employé d'expression qui ne fût en usage dans les meilleurs siècles de la littérature romaine» (103). Foi ainda há pouco o Sr. Jean Bayet, catedrático de Literatura Latina na Faculdade de Letras de Paris, a dizer do mesmo autor que «son résumé en dix livres de l'histoire romaine est adroit et impartial, de langue

(102) Tal como nos dois exemplos do prefácio: *mansuetudinis tuae* e *tranquillitatis tuae*.

(103) «Notice sur Eutrope», p. 818, 2.<sup>a</sup> col.

pure» (104). A verdade, entretanto, é algo diversa. Ningue'm contesta que o estilo de Eutrópio se distingue pela fluência, clareza e viveza, tríplice virtude que a maioria dos críticos nele têm reconhecido (105) ; não há dúvida que na sua linguagem se patenteia correccção relativamente grande, quanto à construção e à propriedade vocabular, e que neste aspecto leva ele a palma a vários dos seus contemporâneos, o que e' tanto mais de admirar quanto é certo que vive em época tardia (106); constitui ainda motivo de apreço que não falem na sua obra elementos artísticos peculiares à prosa clássica, tais como as cláusulas métricas, cujo emprego o Sr. Bornecque lhe contestou, mas que o Sr. Di Gapua fundadamente lhe reconhece, assinalando, por exemplo, a regularidade do prefácio sob o aspecto rítmico (107) ; porém, de verificar estes factos a admitir pureza integral vai grande distância, pois Eutrópio serve-se de vocábulos e expressões que não pertencem à idade áurea (108)

(104) *Littérature latine — Histoire et pages choisies traduites et commentées* (Paris, 1945), p. 677.

(105) Lembrando-se de Vóssio, Heárnio, Vineto, Henrique de Valois e outros, diz Baudement, *op. cit.* (nota 103), p. 818, 1.\* col.: «Presque tous les savants s'accordent à louer dans l'ouvrage d'Eutrope un style simple, clair, rapide.» Em termos idênticos se exprime G. Popa-Lisseanu, *op. cit.* (nota 16), p. 11 : «Toti criticii literari sunt unanimi întru a recunoaste ca Eutropius a scris într' un stil simplu, ciar si vioiu.» Por estilo simples há-de entender-se aqui, evidentemente, naturalidade, fluência de expressão, e não apenas singeleza.

(106) Lorenzo D'Amore, na sua ed. comentada de Eutrópio (v. a nota 15), sem deixar de reconhecer as faltas ou imperfeições da «forma» eutropiana, nomeadamente as do vocabulário e da construção, logo lhes dá a atenuante devida (p. 5). «Mende queste — escreve — dovute piú che ad Eutropio al tempo in cui egli visse — il sec. iv d. Cr. — che fu di piena decadenza letteraria, e tali, pero, che persino ad un ciceroniano puro, G. B. Gandino, non impedirono di mettere nelle sue *Lecture latine* brani del nostro autore accanto a quelli di scrittori délia piú fiorente latinita.»

(107) «11 numerus nel breviario ab Urbe condita di Eutropio», no *Bollettino di Filologia Classica*, xxiii, pp. 17-18.

(108) É o que reconhece, p. ex., John Selby Watson no vol. *Justin, Cornelius Nepos and Eutropius* (colecção «Bohn's Libraries»), p. xvi. Apesar de dizer de Eutrópio que «his style is correct and sufficiently polished», não deixa de fazer a restrição necessária, — «but exhibits some words, as *medietas*, *dubietas*, and some expressions, that are of the lower

e, mais ainda, emprega palavras em sentidos que os melhores autores não abonam (109). Em suma, a sua linguagem não é já, por impossível, a clássica, como próxima que está da Idade Média (110), —e não é senão isto, afinal, o que a expressão *tranquillitas uestra* documenta.

#

\* #

A concluir:

Podendo fundamentar-se e defender-se, com argumentos sérios, a interpretação da expressão eutropiana *tranquillitas uestra* como referida apenas ao imperador Valente, e não tendo consistência, segundo vimos, o conteúdo de outras interpretações formuladas em épocas diferentes, pode, *ipso facto*, estabelecer-se que somente aquela e de aceitar.

Acaso o emprego dessa expressão no cap. 12.º do l. 1, a contrastar com o emprego de *tranquillitatis tuae* no prefácio da obra, indicará que este prefácio e aquele capítulo foram escritos em épocas diversas, um tanto distanciadas urna da outra (111)? Nada, com segurança, se poderá conjecturar a

age of the Latin language». Npte-se que os exemplos *dubietas* (vi, 19) e *medietas* (11, 28) são ambos bem escolhidos, porquanto nem um nem outro vocábulo pertencem ao período clássico, e só hesitantemente é que Cícero, *Tim.*, 7, 20, se lembra de *medietas* como possível correspondente de αεσοτης, «uix audeo dicere medietates quas Graeci «ισότητας appellant» (v. Ernout-Meillet, s. u. *medius*),

(109) Dois exemplos típicos, cuja citação até vem longe, são *aegritudinibus* em ix, 5, no sentido de «doenças do corpo» (a prosa clássica, como bem nota Gaffiot, s. u., usava *aegrotatio*, limitando *aegritudo* ao sentido de «doença moral»; cf. Georges, que cita, s. u., o exemplo eutropiano), e *aliquanta* em iv, 27, empregado por *aliquot*. V. Epifânio Dias, *Eutropius* (6.ª ed.), p. 71, nota, a *aliquanta*, e p. 137, nota a *aegritudinibus*.

{110} G. Popa-Lisseanu, *op. cit.* (nota 16), p. 11, exprime-se exactamente nestes termos: «Limba lui Eutropius nu mai putea să fie limba ciasica; ea se apropie de limba evului mediu.»

(111) O Sr. Prof. J. J. R. Bridge, da Associação Clássica de Inglaterra, com quem tenho a honra de me corresponder, escrevia-me em carta de Junho do ano passado, em seguida a eu lhe ter anunciado o presente artigo: «If it is the fact that *tuus* and *vester* were used without much con-

este respeito. Mas, seja como for, e não me parece sequer pertinente formular tal hipótese (112), a expressão discutida só deve referir-se a uma pessoa única e o seu emprego por Eutrópio nada mais é do que um produto do século em que ele escreve.

Numa palavra: *tranquillitas uestra* em 1, 12, como *tranquillitatis iuae* no prefácio, diz respeito ao imperador Valente e significa, portanto, *Vossa Serenidade*.

Coimbra, Janeiro de 1949.

REBELO GONÇALVES

sistency, one may well feel that Eutropius wrote his dedication and his chapter [1, 12] at different times.»

(112) Bastariam os exemplos de Festo atrás citados, *dementia tua* e *perennitatis uestrae*, para mostrar, tão próximos como estão um do outro, que é desnecessário atribuir a divergência referida a uma diferença de datas de redacção.